



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE – FACES

CURSO: PSICOLOGIA

A FUNÇÃO PATERNA NA ATUALIDADE: UMA NOVA VISÃO
DO PAI

PAULA RACHEL MONTEIRO

BRASÍLIA

NOVEMBRO / 2008.

PAULA RACHEL MONTEIRO

A FUNÇÃO PATERNA NA ATUALIDADE: UMA NOVA
VISÃO DO PAI

Monografia apresentada como
requisito para conclusão do curso de
Psicologia do UNICEUB – Centro
Universitário de Brasília Professora
Orientadora: Ciomara Schneider

Brasília / DF, Novembro de 2008



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE – FACES

CURSO: PSICOLOGIA

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

Prof. (a) Orientadora, Ciomara Schneider, Mestra em Antropologia Social

Prof. (o) Marcella Marjory Massolini Laureano, Doutora em Psicologia

Prof. (a) Morgana de Almeida e Queiroz, Mestra em Psicologia

A menção final obtida foi:

BRASÍLIA, NOVEMBRO/2008.

A DEUS PAI TODO PODEROSO.

AGRADECIMENTOS

Impossível chegar ao fim de mais uma etapa da minha vida e não agradecer algumas pessoas que foram essenciais para que meu sonho fosse concretizado, dessa forma, tais pessoas direta ou indiretamente tornaram-se também partes dos meus sonhos.

Primeiramente a Deus que me capacitou derramando sobre mim dons essenciais para que eu conseguisse seguir adiante. Obrigada Senhor, por não desistir de mim, obrigada pelos momentos que me chamou, perdoou e amou. Obrigada pelo dom da vida, e por te colocado em meu caminho pessoas tão especiais:

Meus filhos – João Filipe e Maria Luísa - verdadeiros anjos, meus “grãozinhos de ouro”, que foram concebidos durante o curso e ao contrário do que muitos diziam não foram empecilhos e sim motivadores. Filhotes, perdão pela ausência, pelo meu cansaço e pelas vezes que não pude ficar com vocês quando me pediam para não ir à faculdade. E obrigada pelos sorrisos, olhares, abraços, gargalhadas, sonhos e ensinamentos que me torna cada dia um ser humano mais forte e feliz.

Lucas - meu marido - foi e é um grande incentivador de tudo isso. A primeira pessoa que confiou no meu potencial e me levantou nos momentos que eu pensava que não conseguiria continuar. Mais que meu marido, meu amigo, meu confidente e meu companheiro. Exemplo de profissional, de marido, de amigo, de pai e de ser humano. Suas “supervisões” foram essenciais. Meu nego, eu te amo!

Meus pais – Antônio Wilson e Geralda - que foram meu sustento, meu auxílio. Meu pai exemplo de ser humano, com uma inteligência admirável. Obrigada por concretizar meu sonho. Mãe, o que seria de mim e dos meus filhos sem você? Mesmo cansada, abriu mão de muita coisa, para que meu sonho se tornasse possível. É quem cuida e cuidou dos meus filhos nos momentos em que fui ausente, sendo para os meus filhos, uma segunda mãe. Obrigada por tudo, amo vocês!

Minhas irmãs – Sandra e Flávia – que estiveram sempre presentes, preocupadas comigo, com o meu futuro. Vocês não só fazem parte da minha história, como fazem parte de mim. Meus cunhados – Altair e Rodrigo – que estão sempre presentes e prontos a me ajudar, sei que posso contar com vocês. Gabriel, Guilherme e Arthur, meus sobrinhos muito amados, que vieram a acrescentar, tornando nossa família mais unida.

Aos familiares que também são meus amigos, e que compartilham comigo vários momentos da minha vida: tia Tereza, Seid, Alex e Dayane, obrigada pelo carinho gratuito. Alexandre e Aline, obrigada pelas orações que me aproximam cada vez mais de Deus. Aos casais do ECC, obrigada pelos ensinamentos. Padre Cristiano, quanto saudade! Sem o senhor, sem as direções espirituais, sem o incentivo, os momentos de descontração e amparo nada disso teria acontecido. Obrigada por ter confiado em mim. Psicóloga Maria Izabel de Aviz, um exemplo que quero seguir, me ensinou muito, principalmente a amar sem querer nada em troca, um ser humano ímpar.

Amigas que conquistei durante este curso, que tornaram esses anos menos penosos, que souberam compartilhar comigo alegrias, tristezas, trabalhos, momentos de descontração, confidências: Mariana Chaves, Camilla Techuk, Luciana Gomes, Luísa Vitor e tantas outras pessoas que foram significativas para mim durante esse curso. Muito obrigada! Lígia Miyasaki amiga que ganhei no início do curso. Quando penso no que é ser amiga de verdade, a Lígia se encaixa em todos os requisitos. Amiga, obrigada pelas orientações, pelo apoio, pelas sugestões e críticas. Amo-te!

Professores que foram verdadeiros mestres, que colaboram para o meu crescimento: Virginia Turra, Morgana Queiroz, Fernando González Rey, Cynthia Ciarallo, Ana Maria, Otávio Abreu. À professora mestra, Ciomara Schneider, pela atenção e gentileza nas orientações desse trabalho.

A todos vocês, meu eterno e sincero carinho e agradecimento.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	iii
AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO	vii
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	11
A Construção da Imagem Paterna no Processo de Formação da Sociedade – O Pai Primevo	11
CAPÍTULO II	18
A Importância da Função Paterna para Psicanálise Freudiana, Lacaniana e Winnicottiana....	18
2.1 Sigmund Freud	18
2.2 Jacques Lacan	20
2.3 Donald Woods Winnicott	23
CAPÍTULO III	28
Metodologia da Pesquisa	28
4.1 Epistemologia Qualitativa	28
4.2 O Problema da Pesquisa	30
4.3 Instrumentos Utilizados	31
4.4 O Cenário da Pesquisa	33
4.5 Sujeitos da Pesquisa	33
CAPÍTULO IV	35
Discussão dos Dados	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
APÊNDICES	50
ANEXOS	56

RESUMO

A sociedade, a criança e o adolescente têm cobrado muito do pai da atualidade. Querem que ele ocupe um lugar que não seja apenas aquele do detentor da lei, que impõe limites e dá regras, querem um pai presente e participativo. As pesquisas relacionadas a essa nova visão de paternidade têm crescido. E este trabalho foi desenvolvido com o propósito de lançar um novo olhar sobre o tema, a fim de conhecer os sentimentos e as perspectivas de alguns pais da atualidade, frente à sua função, no que diz respeito a essas cobranças que lhes estão sendo feitas. Tendo como base a teoria psicanalítica, foi feito um estudo bibliográfico onde se nota a importância do pai para o início da formação da sociedade. De acordo com os teóricos psicanalíticos Sigmund Freud, Jacques Lacan e Donald Woods Winnicott, foi possível conhecer como estes distinguem a importância do papel do pai para a formação da criança. Para isso, foram escolhidos como sujeitos de pesquisa três homens, com idade entre 26 e 33 anos, e que estão passando pela primeira experiência da paternidade. As informações foram colhidas com o auxílio de dois instrumentos, que fazem parte do método de pesquisa denominado Epistemologia Qualitativa, de González Rey: a conversação espontânea e o completamento de frases. Por meio desta pesquisa foi possível compreender como esses novos pais têm elaborado seus medos, adaptações, questionamentos, alegrias e realizações, tornando possível conhecer como os sentidos e significados sobre o “ser pai” têm se organizado, frente às diversas mudanças que têm ocorrido na sociedade e no ambiente familiar.

Palavras-chave: paternidade, psicanálise, atualidade.

Nas sociedades ocidentais o pai, há alguns anos, até mesmo o pai mítico ou pai primevo, descrito por Freud, era descrito como sendo severo, ausente e detentor do poder familiar. Seu papel limitava-se muitas vezes em sustentar e dar segurança a todos da casa. Era a mãe a principal responsável pelos cuidados e pela educação dos filhos. Hoje a sociedade cobra uma participação maior do pai, nos cuidados com a casa e com os filhos, pontuando a importância que eles exercem no desenvolvimento infantil. O modo como o homem tem lidado com esse seu novo papel de pai e as suas preocupações e comportamentos acerca das mudanças sociais e culturais (como por exemplo, arranjos familiares, violência, educação) que ocorrem atualmente, é um assunto que tem chamado atenção de muitos pesquisadores e teóricos. É possível notar que a figura paterna tem passado por uma redefinição. Segundo Hurstel (1999), somente a partir de 1945, o número de publicações científicas sobre a paternidade começou a se expandir.

Quando falamos do papel que o pai desempenhava anos atrás, era comum ouvirmos falar que ele era aquele responsável pelo sustento e em ditar e impor regras. Era distante, forte, temido e autoritário. “Os pais de nosso passado eram descritos como sendo alheios, ausentes e refratários a expressar emoções. Isso pode não ser estritamente verdadeiro, mas o fato é que, no passado, a maioria dos meninos tinha de seus pais uma imagem de alguém que não se dedicava explicitamente aos cuidados dos filhos” (Brazelton & Cramer, 1992, p. 40).

Os pais da atualidade se ressentem pelo fato de terem tido um pai mais ausente e agressivo: *O pessoal antigo eu até entendo que era mais rígido, mais duro, mas abraço do meu pai eu nunca tive*, diz um dos entrevistados. Outro diz que o pai *chegava a bater que eu tenho até marcas hoje no corpo (...)* Quando ele batia, batia pra valer. *Eu tenho vergões aqui nas costas (...)* colocava eu ajoelhado eu lembro, eu tinha o que, uns cinco anos de idade eu lembro ainda disso. *Colocava ajoelhado em milho (...)*. Um outro diz qual era a forma que ele era castigado: *Ganhava alguns tapas e era colocado de castigo ajoelhado (...)*

Até mesmo a psicanálise, quando falava do pai, o considerava como algo fantasioso ou mesmo mítico, o pai era o portador da lei, da voz, da realidade. O interesse da psicanálise era voltado para o estudo simbiótico mãe-bebê. Brazelton e Cramer (1992) mostram que o pai era “aquele que detém nas mãos a faca que corta o cordão umbilical e ameaça o filho de castração” (p. 47). Ainda segundo os autores, o pai poderia tornar-se um objeto de amor, mas pouco se dizia dele, principalmente quando se falava da possibilidade deste, de demonstrar afeto, ou um apego positivo e precoce pelo bebê. “Estudos mais recentes, porém, têm demonstrado que o pai exerce influência direta sobre o desenvolvimento da criança, influência essa que é enfatizada pelo apego existente entre ele e o filho desde a primeira infância” (Brazelton & Cramer, 1992, p. 49). Desta forma, o pai vai, aos poucos, adquirindo uma conotação mais afetuosa e acessível.

De acordo com Salmela-Aro, Nurmi, Saisto e Halmesmäki (2002 como citado em Piccinni et al., 2004), quando um homem descobre que irá ser pai, várias mudanças e adaptações ocorrem, tanto no aspecto psicológico, como no biológico, como no social. Baseando-se nestas mudanças, o presente estudo tem como objetivo conhecer os sentimentos e as perspectivas desses homens, frente ao que ocorre durante uma gravidez e também frente a sua nova função: “ser pai”.

Para isso, foram propostos alguns objetivos específicos, como mostra-se a seguir: descrever a experiência desses pais frente a descoberta da gravidez; saber como o pai moderno lida com os novos arranjos familiares; compreender como esses novos pais lidam com as transformações sócio-culturais e se elas têm influenciado em seu novo papel; captar e compreender o sentido atribuído pelos sujeitos da pesquisa à vivência da paternidade; compreender os sentimentos relacionados à paternidade e o envolvimento paterno em relação ao primeiro filho; saber como eles têm se avaliado nesse papel.

Foram elaborados quatro capítulos. No primeiro há um estudo bibliográfico referente a sociedade e ao pai primevo, estudado por Freud, por meio de mitos como: *O Édipo rei*, em que o filho mata o pai, para ter a própria mãe como esposa; *Totem e Tabu*, em que o pai era um tirano e o detentor de todas as mulheres e acaba sendo morto pelo filho; e no terceiro mito, *Moisés e o monoteísmo*, em que os filhos também assassinam o pai. Os mitos mostram uma posição ambivalente do filho em relação ao pai, que é aquele que manda, cria leis e é odiado, e por outro lado é amado, por ser aquele que traz segurança para a casa.

No segundo capítulo, fala-se da importância que a função paterna tem na vida do sujeito, explorando a visão de três importantes teóricos psicanalíticos: Freud, Lacan e Winnicott. No terceiro capítulo, há uma descrição da metodologia, onde foi utilizada a proposta de pesquisa desenvolvida por González Rey, a Epistemologia Qualitativa. No quarto capítulo foi possível observar, por meio de entrevistas, a opinião de homens que têm vivido a primeira experiência em ser pai, conhecendo como eles se sentem frente a essa nova função. Dessa forma foi possível analisar a importância que esses pais têm e exercem frente a sociedade atual.

CAPÍTULO I

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PATERNA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA SOCIEDADE – O PAI PRIMEVO

Freud (1976 [1921]) diz que a vida mental de um indivíduo está “invariavelmente” envolvida com um modelo, um objeto, um contra-ponto. Neste sentido não se pode falar então de uma psicologia exclusivamente individual, pois a mesma se constitui também por uma psicologia social. O indivíduo mantém várias relações, com pai, irmãos, amigos, médico e essas relações são consideradas como fenômenos sociais. Mas, segundo o autor, mesmo o sujeito possuindo várias pessoas com as quais pode se relacionar, ele possui um grupo com um número menor de pessoas que lhe é de extrema importância.

Uma característica notável em um grupo é que mesmo os indivíduos sendo diferentes, seja em seu modo de vida, seja pelas coisas que fazem, seja por opinião ou credo, quando colocados em grupo tudo isso se torna de certa forma coletivo. Há idéias, pensamentos e sentimentos que não surgiriam caso esses indivíduos estivessem sozinhos. Para que essa unidade aconteça deve haver algo que sirva para uni-los, e essa ligação “poderia ser precisamente a coisa que é característica do grupo” (Freud, 1921, p. 84).

O indivíduo em um grupo torna-se emocionalmente envolvido de uma forma tão intensa que muitas vezes torna-se submisso aos seus líderes. A desintegração desses grupos traz medo ao indivíduo. O indivíduo com medo, começa a preocupar-se apenas consigo próprio. Este medo é provocado quando surge um grande perigo ou quando há um rompimento nos laços emocionais ou ainda quando os indivíduos do grupo se sentem ansiosos (Freud, 1976).

Fica claro que a presença de um pai sempre foi essencial em diversos grupos, para exemplificar, são mostrados dois grupos chamados de “grupos artificiais”: a igreja que tem

como “pai” o Cristo; e o exército que tem como “pai” o comandante-chefe. No exército, a imagem que há é de um pai severo, que usa da força, que manda e comanda. E na igreja, em especial no que traz a Bíblia em seu antigo testamento, o pai – que é Deus – é aquele que quando contrariado usava do castigo, ele era cruel e intolerante. Quando há perda de um líder (pai), os laços entre os membros desaparecem. Aí está a importância de um pai, mesmo sendo autoritário ou cruel, ele traz um sentimento de segurança entre os membros do grupo fazendo com que eles permaneçam unidos. A presença do Cristo vivo - ressurreição - que a Igreja mostra, traz esse sentimento de união entre seus membros, mantendo seus laços fortalecidos (Freud, 1976).

Se a Igreja não falasse da ressurreição, de que ainda existe um pai entre os membros, não haveria laço afetivo entre eles, pois os grupos sentem a necessidade de ter um líder. Existem dois tipos de laços emocionais que conseguem dominar os grupos: os laços que eles mantêm com o líder que é o mais dominante e os laços que eles mantêm entre os membros. Isso mostra a necessidade que os grupos têm: de alguém que dê as ordens, que dite uma lei. “O pai aparece na realidade social como déspota, tirano, ou possuído de uma forte autoridade, tanto na realidade psíquica quanto no imaginário do sujeito, como ‘grande e único’” (Freud, 1976 e Hurstel, 1999, p. 34).

Ainda no mesmo trabalho, Darwin (como citado em Freud, 1976) defendia a idéia de que a sociedade humana primitiva (horda primeva) era governada por um macho poderoso. Mais uma vez se fala da idéia de ter um pai que é o detentor de uma força superior, em relação aos outros indivíduos. Algumas famílias ainda são bastante parecidas com o grupo primitivo, onde há um líder autoritário e forte, que exerce influência sobre os demais membros.

A psicologia individual é tão antiga quanto a psicologia dos grupos. A psicologia visava os membros do grupo em sua individualidade ao mesmo tempo em que visava o pai

que era chefe ou líder, como se o pai ao mesmo tempo em que faz parte de um grupo é considerado diferente dos demais indivíduos (Freud, 1976).

Os indivíduos do grupo tinham a necessidade de sentirem-se iguais e amados pelos seus líderes. O pai da horda primeva era um homem livre, forte e independente, que não precisava dos outros para que sua vontade fosse cumprida. No próprio início da humanidade, era considerado o 'super-homem'. Ele amava a si próprio e aos que atendiam as suas necessidades. E não precisava sentir-se amado, por conta de sua natureza dominadora, narcisista, autoconfiante e independente (Freud, 1976).

Esse pai era mortal, portanto quando ele morria, logo deveria ser substituído por um filho mais jovem, que assim como os demais, também era um membro do grupo. Sendo assim, na horda primeva, os filhos temiam o pai primevo, pois sabiam que seriam perseguidos por ele. Essa horda primeva é apenas uma hipótese para demonstrar como os grupos humanos apresentavam o quadro familiar e, mesmo sendo apenas uma hipótese, deixaram traços na história da descendência humana. "Há homens vivendo em nossa época que, acreditamos, estão muito próximos do homem primitivo" (Freud, 1969 b, p. 21).

Em outros trabalhos Freud menciona três mitos que estão relacionados com a figura paterna e que ajudam a compreender o processo de formação da sociedade em relação ao pai primevo. De acordo com as autoras Gomes (2003) e Borges (2006), as principais obras que citam tais mitos são: "Complexo de Édipo", "Totem e Tabu", "Moisés e o Monoteísmo". Segundo Borges (2006), algumas questões na psicanálise são difíceis de serem respondidas objetivamente, mas sendo assim, os mitos seriam narrativas ficcionais que têm a função de esclarecer alguns pontos obscuros. Lacan (1953) ressalta dizendo que "é o mito que confere uma fórmula discursiva ao que não pode ser dito, ao que não pode ser transmitido enquanto verdade" (Borges, 2006, p. 14).

No mito relacionado ao Complexo de Édipo, Freud traz o pai como personagem principal. A criança começa a ter um desejo sexual e proibitivo pela mãe e o pai é um modelo a ser imitado, já o pai é aquele ser amado que o filho começa a querer imitá-lo e ao mesmo tempo é odiado por ser considerado um rival ao disputar o amor pela mãe, é visto também como um objeto sexual desejável. O menino precisa matar o pai para poder se firmar como sujeito (Borges, 2006).

O termo Complexo de Édipo deriva do herói grego Édipo, que sem saber, matou seu pai e se casou com sua mãe. Marcos (2003 como citado em Borges, 2006) diz que o pai é quem irá introduzir a lei da proibição do incesto. Esse pai é tido como um interditor que age separando a mãe do menino, fazendo o corte no vínculo incestuoso entre o filho e a mãe.

O menino se vê entre duas possibilidades de satisfação do complexo: colocar-se no lugar do pai e ter relações (não a relação sexual enquanto ato, mas o contato, a sensação de prazer de estar junto, o carinho...) com a mãe, ou então, assumir o lugar da mãe e ser amado pelo pai. Nenhuma das possibilidades poderiam ser alcançadas, pois ambas acarretariam na perda do pênis (castração). E essa perda do pênis seria uma forma de punição por ele ter desejado a mãe. O pai volta a ser aquele macho poderoso, que é líder e também o possuidor das mulheres.

Freud (1969 b [1909]), explica o Complexo de Édipo feminino dizendo que para as meninas o pai que é o desejado, desta forma, a menina procura assumir o lugar da mãe, adotando atitudes femininas para com pai. Ela deseja receber um bebê como presente do pai, como se tentasse compensar a falta do pênis, pois segundo o autor, as meninas possuem inveja do pênis.

No mito apresentado em “Totem e Tabu”, Freud (1969 c [1912]) mostra que o termo “pai” era utilizado não apenas para o genitor, pois o grau de parentesco não indicava grau de consangüinidade, representava mais relacionamentos sociais do que físicos; nas palavras do

autor “(...) os termos por eles empregados para expressar os diversos graus de parentescos não denotam uma relação entre dois indivíduos, mas sim entre um indivíduo e um grupo” (p.26).

O mito apresentado em “Totem e Tabu” salienta que o pai da horda poderia possuir todas as mulheres a ponto de expulsar seus filhos de casa. Esse pai, considerado tirano, é morto pelos filhos, que o devoram num ritual canibalesco. Em seguida, os filhos são tomados por um sentimento de culpa em relação àquele que era odiado, mas também amado e respeitado e decidem instaurar um simbólico para dar conta do pai morto. Borges (2006) ressalta que foi a partir dessa culpa que os dois tabus fundamentais do totemismo foram estabelecidos, duas normas que passaram a reger a sociedade primitiva: não matar o totem (proibição do parricídio) e não possuir as mulheres do totem (interdição do incesto). O autor ainda diz que esses tabus estão relacionados ao desejo reprimido do complexo de Édipo (Freud, 1969 c).

Para Gomes (2003), “após ter sido assassinado, o pai tornou-se mais forte do que era quando estava vivo. Sua existência real, que garantia a proibição do incesto, foi substituída pela lei, pela via da obediência adiada”. Freud (1969 c) coloca, que após o assassinato, os filhos criaram um substituto para o pai, primeiro ele teria encarnado na figura do totem e em seguida na figura de Deus, como um pai glorificado. Aqui, o pai que era a lei e se fazia presente, depois de morto torna-se sagrado, divino e passa a ser venerado como o Deus-Pai.

Freud (1969 a [1934-38]), em “Moisés e o monoteísmo”, cita que Otto Rank (1909) em seu livro “O Mito do Nascimento do Herói” diz que o mito possui características que são comuns para alguns povos, independente do lugar ou mesmo do tempo histórico vivido.

O autor mostra como acontece a concepção de um herói. O herói é filho de pais aristocráticos, geralmente, filho de um rei. Sua concepção é coberta de dificuldades. Durante a gravidez ou mesmo antes, há uma profecia que ocorre em forma de sonho ou de oráculo, que alerta o pai contra o nascimento do filho, dizendo que ele seria uma ameaça perigosa. Então o

pai ordena que o recém-nascido seja condenado à morte ou que ele seja abandonado nas águas, dentro de um cesto.

O recém-nascido é colocado nas águas, porém é salvo por animais ou por pessoas humildes e é amamentado. Quando esta criança cresce, descobre os pais aristocráticos, ele vinga-se do pai, passando a ser reconhecido e alcançando assim, a grandeza e a fama.

Freud (1969 a) coloca que o herói é alguém que teve a coragem de rebelar-se contra o pai e, ao final, o superou vitoriosamente. Este mito nos remete a pré-história do indivíduo que nasce contra a vontade do pai e é salvo apesar das más intenções paternas.

Este mito que relata o nascimento de um herói estaria ligado ao fundador da Babilônia, o rei Sargão de Agade por volta do ano 2800 a.C. e também a Moisés (Freud, 1969 a). Freud defende que Moisés era um egípcio e não um hebreu. Seu nome deriva do egípcio, *Mose*, que significa “criança”. Moisés teria sido filho de levitas judeus e foi criado pela casa real do Egito, onde a princesa o criou como se fosse filho dela.

Eduard Meyer (1906 como citado em Freud, 1969 a) defende a idéia de que essa lenda sobre Moisés foi diferente. Segundo o autor, o faraó foi advertido por meio de um sonho profético de que um filho nascido de sua filha traria perigo não só para ele, mas como para todo o reino. Assim, a criança teria sido abandonada no Nilo e logo foi salva por judeus e criada como filho deles.

A religião também é discutida na história de Moisés, mostrando a necessidade que os homens possuem de se submeterem a uma autoridade que está ligada a figura do Deus-Pai. E a obrigatoriedade em seguir a um só Deus, para não ser punido, de onde se originou o monoteísmo.

Freud defende a idéia de que Moisés havia sido um modelo de pai, que impôs aos seus filhos a idéia de que existia somente um Deus que é soberano e eterno. E todos se submetiam à vontade do pai, mesmo que fosse penoso. Dessa forma, mais uma vez a figura do pai se

relaciona com a de um grande homem, que influencia o restante do grupo por meio de sua personalidade e também pela idéia que ele apresenta.

Sendo assim, Felzenszwalb (2000 como citado em Araújo, 2006 b) diz que a paternidade é uma invenção social que tem como objetivo suplementar o investimento maternal nos filhos, com um investimento paternal. Enriquecendo a criança de quatro formas: dando proteção física; recursos materiais; contribuindo para a formação do caráter, da identidade e da competência; dando cuidado e atenção diária.

Lacan (2005) elabora o conceito de função paterna a partir do que ele chama de “Nomes – do – Pai” (no plural). Ele aponta o Deus Pai dos filósofos e dos cientistas, ele aponta o Deus Pai da religião, mostrando que mudou a questão do gozo e do desejo em cada um deles, mas que ocorre sempre uma relação com o Outro, lugar de referência do Nome do Pai.

Lacan, que foi “aquele que teorizou o que é a função do pai” (Hurstel, 1999, p. 15), demonstra que a necessidade de ter alguém que exerça esse papel de pai é primordial para a saúde psíquica do sujeito. Hurstel (1999), citando Lacan, diz que a ausência, o exagero, a ambivalência frente à função paterna, produz devastações diferentes no indivíduo. “As diversas patologias que a psicanálise detecta em sua escuta têm, elas todas, fundamento na maneira como a mãe se coloca perante a criança em relação à função paterna” (p. 12). Portanto, torna-se necessário analisar a importância da função paterna para a psicanálise, sob a visão de diferentes teóricos e, em seguida, compreender a importância e as modificações de tal função na atualidade.

CAPÍTULO II

A IMPORTÂNCIA DA FUNÇÃO PATERNA PARA PSICANÁLISE FREUDIANA, LACANIANA E WINNICOTTIANA

2.1 Sigmund Freud

Sigmund Freud foi um médico neurologista e fundador da psicanálise. Além de criar conceitos como consciente e inconsciente, a “tríade psíquica” (ID, Ego e Superego) e estudar os sonhos, foi ele o responsável por inserir o Complexo de Édipo como uma fase normal do desenvolvimento psíquico.

Baseado em uma obra grega, a tragédia escrita por Sófocles, o *Édipo Rei*, Sigmund Freud criou o conceito de Complexo de Édipo, no qual é possível notar que a criança atinge a fase fálica por volta dos três anos de idade, passando a ter um interesse freqüente e normal pelas diferenças sexuais, fixando sua atenção libidinosa nas pessoas do sexo oposto dentro do ambiente familiar (Fiori, 1981).

Fiori (1981) explica também que, nesta fase, a criança começa a se interessar pelas diferenças sexuais, não tendo consciência de que há dois tipos de genitais, mas apenas a presença ou ausência do pênis. Os homens são definidos pela presença do órgão fálico (o pênis) e as mulheres são definidas pela ausência desse mesmo órgão. A erotização dos genitais traz a fantasia de que tanto os meninos quanto as meninas possuem um pênis. A erotização masculina se voltará para o pênis, e a erotização feminina será manifestada no clitóris, que seria um pênis pequeno, que ainda crescerá. No decorrer do desenvolvimento infantil há a idéia de que só o homem é portador do pênis e a mulher foi castrada.

A autora acrescenta que o pênis é um elemento que dará ao homem uma posição de superioridade, por isso teme a castração que é “uma grande ameaça diante dos conflitos interpessoais” (Fiori, 1981, p. 42).

O Complexo de Édipo foi descrito por Freud (1969 b [1909]) na história clínica do Pequeno Hans. Tal complexo é caracterizado por sentimentos ambíguos de amor e ódio, nota-se o amor pela mãe e o ódio pelo pai. A criança passa a perceber que o pai pertence à mãe e por isso os sentimentos direcionados ao pai são contraditórios e até mesmo agressivos ou provocantes.

A criança se compara ao pai para poder disputar o amor pela mãe, desejando se ver livre dele, pois ele é visto como um empecilho para que a criança alcance o amor de sua mãe. Ao mesmo tempo em que esse pai é visto como empecilho, ele é visto também como um cúmplice, a figura presente do pai é essencial para que haja identificação, o desejo da busca da masculinidade “(...) o amor por seu pai entrava em conflito com sua hostilidade para com ele, considerando-o como um rival junto de sua mãe” (Freud, 1969 b, p. 46).

Freud (1887 como citado em Hurstel, 1999) afirma que o pai é aquele que impede que a criança realize o seu desejo inconsciente de dormir com a mãe. É quem irá separar a criança da mãe, impedindo que ela (a criança) seja incestuosa.

Freud (1969 b) diz que, pelo fato da criança gostar da mãe dela, fica evidente o desejo que ela tem em afastar o pai e assim ocupar o seu lugar. De acordo com Freud (1887 como citado em Hurstel, 1999), o pai é aquele que irá ditar as regras, é tido como o detentor da lei. Por a criança gostar muito da mãe e o pai impedir que eles fiquem juntos, a criança começa a ter medo do pai e a desejar a sua morte. Esse pai mostra-se grande e admirado por ser para o filho uma imagem de amor e de modelo, mas também autoritário e invejado, por saber que os carinhos trocados entre os pais são diferentes dos carinhos trocados com a criança.

Há também um medo relacionado ao pai. O medo é ambíguo, pois ao mesmo tempo em que o filho tem medo de que o pai fique e impeça que haja um incesto, há o medo de que aquele pai, que de certa forma traz segurança para casa, não volte mais. A criança teme que o pai deixe de amá-la por ela gostar tanto de sua mãe. Fiori (1981) diz que é por meio dessa

ambigüidade que a criança organizará os moldes das relações que ele terá com o amor e com a lei - portanto, o amor enquanto desejo e a lei enquanto organização social.

Freud (1930 como citado em Araújo, 2006 b) diz que a lei - ou seja, o pai - precisa causar medo e ser exigente, mas para a lei ser seguida, ela precisa ser também coberta de afeto. Essa lei é importante não só para o desenvolvimento da criança, é uma lei importante também para a sociedade se organizar, não se tornando nem violenta e nem desordenada.

2.2 Jacques Lacan

Para Kehl (n.d.), Jacques Lacan, psicanalista francês, foi quem realizou uma “releitura radical” da obra de Freud, fazendo uma distinção do campo da psiquiatria e da neurologia para colocar aquela no contexto das ciências humanas. A autora destaca que a leitura que Lacan faz do complexo de Édipo é marcada por uma “temporalidade lógica e não cronológica” (p. 42). Lacan considera isso a partir da idéia de que o inconsciente é atemporal, as marcas (antigas) que ficaram lá ressurgem a qualquer tempo e também misturadas às vivências atuais.

Hurstel (1999) diz que Lacan elaborou a teoria do pai definindo a função paterna como uma função simbólica que ele chama de função do Nome do pai. A estruturação inicial do sujeito está na relação que ele possui com a linguagem e a fala. À esta iniciação onde o sujeito se estrutura, Freud chamou de Édipo, já Lacan, diz que o sujeito se estrutura mediante de um corte simbólico, no laço real e imaginário que une a criança à sua mãe.

Dor (1997) mostra que Lacan articula a noção de pai com o complexo de Édipo, afirmando que “falar de Édipo é introduzir como essencial a função do pai” (p. 44), função esta que é do campo simbólico, ou seja, a função paterna não está ligada a um sujeito concreto, mas sim a uma função abstrata, que deve estar autorizada no discurso materno. Por exemplo, a função paterna pode ser ocupada pelo próprio trabalho da mãe, quando não existir

uma figura paterna concreta. Isto é, a mãe sai para trabalhar e deixa o seu bebê aos cuidados de outrem.

Freud (1920, como citado em Dor, 2003) observa uma brincadeira inventada por seu neto, onde o menino joga um carretel amarrado por um fio debaixo da sua caminha. Ao lançar o objeto diz “ó ó ó ó” (*fort* = longe) e ao puxá-lo diz “da” (*da* em alemão = aqui).

Tal jogo é considerado por Lacan citado em Dor (2003) com o “controle simbólico do objeto perdido” (p. 89), onde a criança passa de uma posição passiva para uma posição ativa, ou seja, não é ele apenas que é abandonado pela mãe, mas ele também pode, simbolicamente, abandoná-la. É isso que Lacan considera metáfora paterna, que “institui um momento radicalmente estruturante na evolução psíquica da criança” (Dor, 2003, p. 94). Assim o pai não precisa necessariamente ser a figura do homem.

Por outro lado, Porge (1998) diz que para Lacan o sujeito está dividido entre o simbólico, o imaginário e o real. O pai simbólico, que logicamente também pode ser representado pela figura de um sujeito concreto, diz respeito a paternidade. O pai será aquele que estará entre a mãe e o filho. A mãe enquanto mulher vai ter este pai como um objeto de desejo. E o pai passa a existir para o filho quando a mãe o nomeia, fazendo com que o filho perceba que ela é a mulher daquele homem e este homem, ela também o chama de pai. O pai imaginário é aquele que a criança vê como forte, como o todo poderoso, que tem uma força de sedução e de atração. A criança sente-se atraída por este pai que existe no imaginário dela. O pai real é um homem que tem a mulher como um objeto desejante.

Lacan (1994 [1956-1957]) questiona *o que é ser um pai?*, afirmando que tanto ele quanto Freud não possuem respostas para tal questão. Lacan (1994) afirma que “se é fato que, para cada homem, o acesso à posição paterna é uma busca, não é impensável dizer que, finalmente, ninguém jamais o foi por completo” (p. 209). Mostrando assim que ser pai não dá para ser definido, pois a busca pela paternidade é algo constante.

Lacan (1994) articula tal questionamento com questões teóricas e busca uma definição para o que seria a função paterna, dizendo que a função do Édipo para o menino é permitir que esse sujeito identifique-se com alguém do seu próprio sexo, produzindo uma relação ideal e imaginária com o pai. Mas esse não é o objetivo real do Édipo, mas a situação em que o sujeito fica com a referência que tem à função do pai, ou seja, ele um dia ocupará uma posição que é “problemática e paradoxal”, que é ser pai. Segundo o autor, é preciso partir do suposto que existe alguém que assegure a posição de ser pai, alguém que assuma a condição que de fato ele é pai.

Para Lacan (1994), a própria posição que o homem ocupa, de ser viril, de possuir uma heterossexualidade masculina, implica a castração:

Precisamente porque o macho, ao contrário da posição feminina, possuir perfeitamente um apêndice natural, detém o pênis como pertence, é preciso que ele o obtenha de algum outro, nessa relação com aquilo que é o real no simbólico: aquele que é realmente o pai. E é por isso que ninguém pode dizer, finalmente, o que é ser pai, a não ser que isso é algo, justamente, que já se encontra ali no jogo. É o jogo jogado com o pai, jogo de *quem perde ganha*, se assim posso dizer, que por si só permite à criança conquistar o caminho por onde nela será depositada a primeira inscrição da lei (Lacan, 1994, p. 214).

Lacan (1994) afirma que há rivalidade entre o sujeito e o pai, existente no Édipo, é uma rivalidade quase fraterna. Para ele, o Édipo freudiano fala de um pequeno criminoso, em que diversas vezes o pequeno Hans pensou e desejou a morte do pai. E é por meio do crime que o sujeito irá entrar na ordem da lei.

O pai surge como um interditor que frustra a criança impedindo que ela tenha a mãe. Este é o princípio do complexo de Édipo: o pai torna-se a lei da proibição do incesto, mostrando-se castrador e onipotente.

De acordo com Araújo (2006 a) “a função paterna custou para a humanidade um crime, o assassinato do pai primevo. Como consequência à morte desse pai surgiu a Lei, com a proibição do incesto” (p. 210). O complexo de Édipo surge, então, como a primeira lei do sujeito, que lhe dá uma referência, que lhe dá acesso à cultura através da linguagem. O Nome do Pai coloca limite no filho em relação ao “gozo” dele com a mãe e vice-versa. O pai é chamado para assumir o lugar daquele que faz com que a Lei se cumpra (Araújo, 2006 a).

2.3 Donald Woods Winnicott

Winnicott iniciou sua carreira como pediatra, tornando-se depois psicanalista e psiquiatra. Alguns de seus livros são voltados para a criança e para os cuidados de que ela necessita ao longo de seu desenvolvimento. Winnicott é também o “criador” da expressão “a mãe suficientemente boa”.

Sobre a expressão citada acima, Winnicott (2000 como citado em Araújo, 2006 b) diz:

(...) que a mãe deve ser “só” suficientemente boa, ela deve se colocar afetivamente como um espelho para que a criança possa, por meio da identificação, construir-se e construir o mundo, mas ela também precisa dar limite, frustrando a criança para que esta possa superar a onipotência narcísica inicial, permitindo a ela entrar em contato com o mundo real (...) Ao frustrar, a mãe abre o espaço para que o pai entre como o terceiro na relação (p. 77).

É possível notar a influência do complexo de Édipo e do complexo de Édipo feminino, também na teoria winnicottiana, principalmente quando o autor em um trecho do seu livro “A

criança e o seu mundo” diz que o pai e o menino encontram-se, algumas vezes, num estado de rivalidade em relação à mãe. E que há um vínculo especial entre o pai e a filha, pois toda menina sonha em ocupar o lugar da mãe.

De acordo com Winnicott (1982), a relação que o filho irá ter com o pai dependerá da atitude da mãe. Para tanto, é importante que pai e mãe sintam-se seguros em sua relação ao amor que sentem um pelo outro, para que não haja sentimentos de rivalidade e ciúmes entre eles.

Para o Winnicott (1982), não há um momento certo para o homem começar a agir como pai, pois isso dependerá de cada pessoa. O autor diz que há pais que podem ser “excelentes mães”, e há pais que podem se sentir inseguros quanto ao seu papel. O autor coloca que a mãe interfere na relação pai-filho, muitas vezes por não saber quando inserir o homem nas atividades com o filho, não sabendo como ajudá-lo a atuar como pai.

Para Kehl (n.d) a função do pai vem antes do Édipo, para suspender a alucinação que há entre a mãe e o bebê. Tal alucinação é necessária, mas é preciso que o bebê compreenda que o seio que lhe é oferecido é bem mais que uma via de alimentação, “seria acima de tudo uma pré-estréia na ordem discursiva” (p. 36). Esse pai separa a criança da mãe quando se apresenta como alguém que possui um objeto misterioso que é capaz de alcançar o desejo da mulher. O pai se oferece como um objeto substituto da mãe, apresentando corpo diferente, ritmo, olhar e demandas diferentes à psique do bebê, que ainda está mal estruturada (Winnicott chama isso de “psicossoma”). “O pai pré-edípico faz presença desde o começo como um terceiro capaz de mediar a relação fusional e moderar os possíveis excessos do apego entre a mãe e o bebê” (p. 38).

O bebê reconhece a mãe também pelas qualidades que ela possui, como ternura, macieza e pontualidade acerca das mamadas. Certas qualidades maternas que não fazem parte de sua essência são reunidas gradualmente na mente do bebê, fazendo que com o tempo esses

sentimentos alimentem o que ele irá sentir pelo pai, o comparando como sendo um pai forte, que é respeitado e amado (Winnicott, 1982).

Quando o pai entra na vida da criança, ele assume sentimentos que de certa forma a criança já esperava dele. Desta forma, Winnicott mostra que há três maneiras de inserir e valorizar o pai. A primeira o autor chama de “segurança social”, o pai irá ajudar a mãe fazendo com que ela se sinta bem e amada. Como a criança é sensível a relação que há entre seus pais, é desejável que tudo ocorra bem dentro do lar. A união sexual dos pais “fornece parte dos alicerces naturais para uma solução pessoal do problema das relações triangulares” (Winnicott, 1982, p. 129).

Araújo (2006 b) diz que o pai é aquele que irá dar apoio e segurança suficientes para que a mãe possa investir na qualidade da relação primária que terá com seu bebê, tornando-se assim o que o Winnicott chama de “mãe suficientemente boa” (p. 27), fazendo com que a criança saia da dependência para a independência. É este o caminho que ajudará o homem a tornar-se sujeito.

A segunda maneira é o pai precisar ser necessário para dar apoio moral à mãe, sendo “(...) um esteio para a sua autoridade, um ser humano que sustenta a lei e a ordem que a mãe implanta na vida da criança” (Winnicott, 1982, p. 129). A mãe é a responsável em implantar a lei, e o pai de sustentar esta lei. O pai precisa ser percebido como vivo e real, não precisando estar presente o tempo todo. Winnicott (1982) coloca a importância de haver dentro da casa alguém que seja permanente no amor, e um outro que de certa forma seja detestado, fazendo com que exista para a criança uma influência estabilizadora. Como a mãe é a aquela que a criança mais ama, a criança precisará de alguém para detestar, e o pai é o seu alvo e, se este pai não estiver presente, a criança ficará confusa, pois seu ódio poderá voltar-se para a mãe.

A terceira maneira de inserir e valorizar o pai é que ele possui qualidades que o torna único e o difere de outros homens. O autor afirma que boa parte dos ideais de uma criança são formados baseando-se naquilo que ela vê ou pensa que vê quando olha para o pai.

Winnicott (1982) apresenta a relação entre pais e filhos. Ressalta que uma das coisas mais importantes que o pai faz pelo filho é estar vivo e permanecer vivo durante os primeiros anos de vida da criança. Os filhos idealizam um pai, mas também é valioso que haja a experiência de conviver com ele, para conhecer e descobrir esse pai.

A presença do pai, que é aquele que irá sustentar a lei, o limite, é importante para que a criança consiga agir e pensar de forma criativa e espontânea, organizando assim a sua mente. Winnicott (2000 como citado em Araújo, 2006 b) diz que o limite é que irá estruturar a criatividade. Criar limites é criar um espaço de segurança, para que a criatividade e a espontaneidade ocorram sem riscos ou receios. Isso seria o brincar, que é oferecer um espaço de limite, um espaço onde haja a possibilidade de agir de forma criativa. Neste brincar o pai torna-se a primeira referência de limite social.

Winnicott (1975), citado pela mesma autora, diz que o pai é como a Lei que vem dar condições necessárias à criança para que ela se estruture como um sujeito social. E nas palavras de Hurstel (1999) “(...) o desafio fundamental para humanidade continua sendo a necessidade absoluta de que seja assegurada, para cada criança, a função simbólica do pai. Função que diz respeito não ao autoritarismo ou a uma posição social de poder, mas à eficiência de uma lei, a do parentesco, e a da palavra daqueles que a representam” (p. 22).

Como vimos, nas três diferentes visões do pai para a psicanálise, esta é uma das funções fundamentais para o desenvolvimento psíquico da criança. Tal função é que conduzirá ao equilíbrio ou não, à maneira como o ego irá se estruturar para agir frente ao mundo externo (sociedade) e as pressões internas (id).

Falar do pai para estes três psicanalíticos, Freud, Lacan e Winnicott, não é falar do mesmo pai. Cada teórico mantém um olhar diferenciado para a figura paterna. Para Freud o pai diz respeito ao homem, que é um pai castrador. Lacan diz que a figura do pai não precisa ser um sujeito concreto, mas também algo que atraía a atenção da mãe, como um emprego que lhe traz prazer e consegue fazer essa função de corte simbólico. Já para Winnicott o pai é a figura de um homem que traz segurança e dá apoio à mãe.

Baseando-se nessas informações, torna-se necessário observar o modo como alguns pais têm visto e lidam com esta nova forma de exercerem o seu papel de pai. Para isso, foi realizada uma pesquisa com enfoque epistemológico qualitativo, proposto por González Rey (2002/2005), cujo objetivo principal é conhecer como os pais tem lidado com paternidade e observar o modo com a qual a sociedade tem exercido influência sobre a organização psíquica desses homens que estão vivendo a primeira experiência de se ter um filho.

O capítulo a seguir apresenta a discussão realizada a partir de entrevistas feitas com pais da atualidade, articulando as informações com as idéias levantadas teoricamente.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA DA PESQUISA

4.1 Epistemologia Qualitativa

Para a realização desta pesquisa foi utilizada uma metodologia qualitativa proposta por González Rey (2005): a Epistemologia Qualitativa, que vem a ser um meio peculiar para se produzir uma teoria e construir modelos teóricos que não são externamente observáveis ou acessíveis. É também uma proposta que considera o momento da pesquisa como um processo constante de produção de idéias.

Para González Rey (2002), a pesquisa qualitativa possui um objeto de conhecimento bastante complexo: a subjetividade, que o autor define como sendo:

Um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana, e ela se define ontologicamente como diferente dos elementos sociais, biológicos, ecológicos e de qualquer outro tipo, relacionados entre si no complexo processo de seu desenvolvimento (...) que integra de forma simultânea as subjetividades social e individual. O individuo é um elemento constituinte da subjetividade social, e simultaneamente, se constitui nela (pp. 36-37).

A configuração subjetiva, defendida pelo autor, é tida como sendo unidades que constituem a personalidade, toda experiência do sujeito aparece “subjetivado em configurações” que vão adquirindo sentido subjetivo na medida em que interagem com outros estados dinâmicos.

De acordo com González Rey (2002), a epistemologia qualitativa possui três bases que são de importante consequência metodológica: o conhecimento como uma produção construtiva-interpretativa, o caráter interativo do processo de produção do conhecimento e a significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento.

O conhecimento como uma produção possui um caráter construtivo-intepretativo em que o mesmo não é apenas a soma de constatações empíricas isoladas do pesquisador em relação ao sujeito estudado. A concepção do conhecimento não é apenas a soma das constatações isoladas adquiridas (fatos, experiências vivenciadas, etc.) pelo pesquisador sobre o objeto de estudo, mas também um processo onde haverá a construção das informações, e esta junção toma sentido dentro das construções tanto do investigador, como do próprio sujeito da pesquisa.

A interpretação é um processo constante, complexo e diferenciado, em que o pesquisador dará sentido às expressões, únicas e complexas, do sujeito estudado, por meio de atribuição de significados. Assim, é possível fazer uma orientação à construção teórica do sujeito em sua condição de sujeito social. Durante a pesquisa, o pesquisador irá integrar, reconstruir e apresentar as construções interpretativas obtidas (González Rey, 2002).

O caráter interativo do processo de produção do conhecimento propõe que, por meio da interação que há entre o sujeito e o pesquisador, surgirão condições para a pesquisa ser desenvolvida. O interativo é essencial para produção de conhecimentos e é um momento em que os processos de comunicação terão novos significados. Para o autor, tal caráter implica compreender e assimilar os imprevistos e os momentos informais que poderão surgir por meio da comunicação humana, considerando-os como uma situação significativa e parte importante para produção teórica.

Dessa forma, deve-se ressaltar que a comunicação, nos diálogos que se desenvolvem durante a pesquisa, possui um valor especial. É por meio dela que os sujeitos irão se envolver

em sua reflexão em um processo que González Rey (2002) diz que irá produzir informações significativas para a pesquisa.

Para Billing (1997 como citado em González Rey, 2002), o caminho que os diálogos abertos entre o pesquisador e o sujeito irão percorrer “pressupõe estimular a discussão dos sujeitos estudados entre si, em um processo pelo qual o interlocutor facilita idéias e emoções que só surgem ao calor da reflexão conjunta e espontânea em que se desenvolve a vida cotidiana dos protagonistas” (p. 34).

A terceira característica fundamental da epistemologia qualitativa de González Rey (2002) é a significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento. Falar de singularidade é dar importância à realidade diferenciada da constituição subjetiva do sujeito. O sujeito é visto como singular, sendo identificado de forma única e diferenciada, “(...) a partir desse ponto de vista qualitativo, não se legitima pela quantidade de sujeitos a serem estudados, mas pela qualidade de sua expressão” (p. 35). O sujeito é um ser único, capacitado para gerar e produzir, junto com o pesquisador, meios que possam estimular e gerar conhecimento sobre a problemática da pesquisa.

4.2 O Problema da Pesquisa

Para González Rey (2002), o problema representa um momento em que o pesquisador, mediante sua reflexão, consegue identificar o que se deseja pesquisar. Dependerá de outros momentos da pesquisa, e inclusive poderá adquirir novas formas no decorrer da mesma.

O mesmo autor, por considerar a epistemologia qualitativa como um “processo permanente de produção de conhecimento” (2002, p. 72), mostra que dos resultados obtidos ao longo da pesquisa poderão surgir novas problemáticas e alternativas de produção de conhecimento, de tal forma que, a cada momento da pesquisa, o problema poderá se tornar

mais complexo e poderá conduzir para diferentes zonas que talvez no início da pesquisa foram consideradas improváveis de acontecerem.

González Rey (2005), quando refere-se ao problema da pesquisa, diz que o mesmo não deve ser um termo determinante para que a pesquisa aconteça, mas como um modelo que se desenvolverá no decorrer da pesquisa.

O problema tem como função metodológica principal organizar, de forma sistêmica, o conjunto de aspectos que definirá o processo de pesquisa. Por meio do problema, o pesquisador não consegue apenas a representação teórica orientadora da pesquisa, mas também a capacidade de localizá-la em um contexto, pensando o problema tanto em termos de cenário de pesquisa, como em termos das alternativas instrumentais que guiarão a produção de uma informação relevante no tema pesquisado (González Rey, 2005, p. 91).

Assim, este trabalho tem como proposta inicial conhecer a maneira como o pai da atualidade tem se comportado e como ele tem se adaptado em relação às cobranças, às pressões sociais que lhe são impostas. Como conseguem conciliar e compartilhar o seu papel de provedor, de alguém que coloca ordens dentro de casa, com o pai que é mais amigo, que conversa e cuida do filho e da casa.

4.3 Instrumentos Utilizados

Na pesquisa Epistemológica Qualitativa os instrumentos representam um momento dinâmico da pesquisa, que provoca o sujeito e auxilia no processo de construção da informação.

Vale ressaltar que:

Todo processo de expressão representa uma expressão particular de sentidos subjetivos que se organiza por meio deles e que necessariamente excluem zonas de experiências, as quais podem passar a ser significativas em sua expressão caso o sujeito se situe em outro ângulo. É dessa característica subjetiva da expressão humana que se cria a necessidade de facilitar, por meio da metodologia, distintas vias de expressão do sujeito que facilitem seu trânsito por zonas diferentes de sua experiência capazes de estimular sentidos subjetivos também diferentes (González Rey, 2005, p. 51).

Um dos instrumentos defendido por González Rey (2002 e 2005) é a conversação espontânea que cria uma atmosfera de intimidade, de forma natural e humanizada. Fazendo com que tanto o sujeito como o pesquisador interajam de forma espontânea, que haja uma facilitação em emergir os sentidos subjetivos. “A conversação é um processo ativo que deve ser acompanhado, com iniciativa e criatividade” (2005, p. 47) que deve ser utilizado de forma que o pesquisador possa refletir, questionar, posicionar-se e manter-se ativo.

Outro instrumento apresentado pelo autor é o completamento de frases, “que nos apresenta indutores curtos a serem preenchidos pela pessoa que o responde. Os indutores são de caráter geral e também podem referir-se a atividades, experiências ou pessoas, sobre as quais queremos que o sujeito se expresse intencionalmente” (p. 57), ou seja, são frases ou expressões curtas (Apêndice C) escolhidas com o propósito de criar um conjunto de hipóteses e interpretações que iram auxiliar no desenvolvimento da pesquisa.

Sendo assim, os materiais utilizados foram: perguntas semi-estruturadas que serviram de roteiro para a execução das entrevistas (Apêndice B), o completamento de frases e um gravador de áudio.

4.4 O Cenário da Pesquisa

O primeiro contato com os sujeitos da pesquisas ocorreu por meio de telefonemas, onde foi explicado sobre o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A), elaborado pela pesquisadora, a fim de esclarecer os objetivos e condições da pesquisa.

Para González Rey (2002), o principal cenário da pesquisa são as relações que há entre pesquisador-pesquisado. Desta forma, as pesquisas foram feitas na residência dos entrevistados, em Planaltina / DF, em horário conveniente a eles.

4.5 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos de acordo com a vivência que cada um possui frente à paternidade. São pais que estão passando pela primeira vez a experiência em se ter um filho.

A princípio, o que foi proposto no projeto de pesquisa (Anexo I) era fazer um estudo com quatro sujeitos que estão passando pela primeira experiência da paternidade. O primeiro contato estabelecido foi através de telefonemas, feitos com os quatros participantes. Todos eles mostram-se solícitos e assim, marcamos as entrevistas. Infelizmente por incompatibilidade de horários, um participante desistiu da pesquisa. Os outros três participantes possuem idades entre 26 e 33 anos e nível educacional superior. Serão usados nomes fictícios para proteger a identidade desses sujeitos.

O primeiro sujeito é Carlos, um policial militar de 26 anos de idade. É casado e tem um filho de dois anos e oito meses. Não planejou a gravidez, mas sempre desejou ser pai. Faz faculdade pela manhã e trabalha a noite. Sua esposa tem 22 anos, trabalha pela manhã e faz faculdade à noite. Durante o dia, dividem os cuidados diários do seu filho com a babá e, durante a noite, com as avós. Sempre deu muita importância à família, principalmente depois de um trágico acontecimento com um de seus familiares, a partir daí sua ligação com a família aumentou.

Renato tem 33 anos e é professor. Casado e pai de uma menina de um ano e seis meses. A filha nasceu prematura, ficou 15 dias na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) e mais dois meses internada, para poder aprender a mamar e para ganhar peso. Ele trabalha de manhã e à tarde. Há um mês sua esposa começou a estudar a noite, sendo assim, ele ficou responsável pela filha no período em que sua esposa estuda.

O terceiro sujeito é Diego, tem 28 anos, é fisioterapeuta e pai de uma menina de dois meses de idade. Não participou da gravidez, pois ainda não tinha uma relação estável com a mãe da criança e não estava convicto da paternidade. Com dois dias de nascida, fizeram o teste de DNA, onde foi confirmada a paternidade. Passou o primeiro mês com a filha e hoje ele participa de longe, auxiliando na parte financeira (ele mora em Brasília e a filha em Minas Gerais). Pretende trazer a namorada e a filha para morarem com ele em Brasília.

Foram necessários dois encontros de aproximadamente duas horas com cada participante, entre os dias 27 de outubro de 2008 e 02 de novembro de 2008. No primeiro encontro estabelecemos um vínculo e através da conversação foi possível compreender a vivência de paternidade para cada um dos sujeitos, ainda no primeiro encontro foi entregue o complemento de frases que poderia ser respondido no momento que fosse mais conveniente a eles. No segundo encontro conversamos sobre algumas questões do complemento de frases.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO DOS DADOS

Mediante os instrumentos de pesquisa utilizados neste trabalho - conversações espontâneas e completamento de frases, foi possível compreender como estes pais contemporâneos têm vivido e se portado frente à paternidade, conhecendo suas preocupações, alegrias, medos e desejos. E saber como eles se posicionam frente a algumas questões como a gravidez, educação e família. As conversações foram direcionadas ao que é ser pai, e o completamento de frases, mesmo sendo orientados a serem respondidos de forma natural, sem sentirem-se pressionados a falar exclusivamente sobre o ser pai, os assuntos acabavam sendo ligados a essa etapa da vida desses homens, que há pouco tempo estão vivendo a experiência da paternidade.

Carlos, que há um ano e oito meses têm vivido a experiência de ser pai, mostra-se preocupado com a vivência familiar, deixando claro que esta etapa tem sido a grande realização de sua vida:

- 1. Uma realização** *ter tido a felicidade de ser pai.*
- 2. Ter filhos** *uma experiência indescritível, a melhor que já tive.*
- 3. Meu (minha) filho (a)** *meu amigo, meu pupilo, meu tudo.*
- 4. Minha família** *estrutura necessária para dar suporte ao meu filho, base de tudo.*
- 6. Uma alegria** *meu filho. Suas brincadeiras, seus sorrisos, suas alegrias...*
- 13. Ser pai** *foi um sonho realizado.*
- 21. O trabalho** *meio pelo qual provem o sustento de minha família, por isso, é importante, mas estará sempre em segundo plano em relação a minha família.*

Com a realização de seu sonho de ser pai, Carlos tem se empenhado para oferecer uma estrutura familiar e financeira boa a sua família.

Foi possível notar que os pais participantes da pesquisa vivenciaram expectativas diferentes em relação a gravidez. Cada um possui uma história bastante singular que foi percebida em suas falas. Carlos que já mantinha um namoro de pouco mais de um ano antes da gravidez, diz que sempre quis ser pai, que aquele momento quando soube do resultado da gravidez, foi um sonho que se realizou. *A maior e melhor emoção que eu já tive na minha vida (...) foi muita ansiedade. A gente ficava muito ansioso, pra saber como ele ia ser. O cabelo, os olhos, a cor da pele, tudo a gente ficava imaginando e conversando sobre isso. Nossa, foi incrível.*

Já Diego não participou da gravidez por não ter certeza da paternidade, foi preciso fazer um exame de DNA para confirmar a paternidade biológica, mas diz que os próximos filhos serão com planejamento o que facilitará que ele acompanhe toda a gestação. *Eu queria acompanhar toda a gravidez, o que acontecia, acordar de noite. Eu queria aquilo tudo sabe. Eu queria mesmo, agora com os próximos (filhos) serão assim.* Roudinesco (2002) mostra que:

O que pai não é um pai procriador senão na medida em que é um pai pela fala. E esse lugar atribuído ao verbo tem como efeito ao mesmo tempo reunir e cindir as duas funções da paternidade (*pater* e *genitor*), a da nomeação e a da transmissão do sangue ou da raça. De um lado o engendramento biológico designa o genitor; de outro a vocação discursiva delega ao pai um ideal de denominação que lhe permite afastar sua progenitura da besta, da animalidade, do adultério e do mundo dos instintos, encarnado pela mãe (Roudinesco, 2002, p. 23).

É importante considerar que não é um exame como o DNA que definirá o ser pai de um sujeito, há homens que conseguem exercer sua função paterna mesmo não sendo pais biológicos, porém, para Diego tal exame foi necessário, ele precisou dessa certeza, para poder sentir-se pai verdadeiramente.

A presença do pai durante a gravidez é importante para que haja um aumento do desenvolvimento do relacionamento entre o casal e ao envolvimento inicial entre mãe e bebê. Para os autores Brazelton e Cramer (1992) são atitudes de participar das consultas pré-natais, de dar apoio à mulher durante a gestação e o parto, que ajudaram o homem a desenvolver o sentimento de paternidade. Essa foi uma atitude em comum entre os pais participantes da pesquisa, eles mostraram envolvimento com a gestação e com o parto de seus filhos. Renato: *Participei indo às consultas, participei das ecografias.* Diego mesmo não tendo participado da gestação, esteve presente momento antes do parto: *antes do parto dela, no dia anterior da noite que ela passou mal, fui no hospital. Eu que fui junto no hospital.* Para Carlos: *Maior emoção, de ver ela grávida, de fazer aquelas ecografias. Cara, cada dia que passava eu ouvia o coraçãozinho dele batendo e aquela barriga crescendo (...) Participei, assisti tudo. Foi muito emocionante. A parte mais emocionante foi na hora que eu vi ele saindo, a cabeça dele saindo.*

A descoberta da gravidez, o envolvimento e a participação com toda a gestação, foram momentos de mudanças na vida desses pais, as responsabilidades aumentaram fazendo com que eles repensassem em atitudes que tinham antes, como, por exemplo, sair com os amigos sempre que tinham vontade. Hoje, antes de saírem, pensam primeiramente nos filhos, mostrando que eles têm se preocupado não somente em ser provedores, mas também querem conviver, participando de todas as etapas de desenvolvimento dos filhos. Carlos: *Minha vida mudou completamente. Todas as minhas ações são voltadas pra ele agora. Antes de fazer qualquer coisa, agora eu penso nele, até se eu for comprar uma balinha. (...) Por que eu*

ainda jogava bola, saía com os amigos pra jogar uma sinuca. Não continuou a mesma coisa. (...) Mudei aqui de casa, fui morar na casa da minha sogra. Cara foi uma mudança radical. Renato compartilha a opinião dizendo que: Mudou tudo, porque assim... é diferente. Você não pensa mais só em você ou na sua esposa, só na sua alegria, você tem que pensar em uma terceira pessoa. (...) Algumas coisas que eu gostava de fazer como jogar futebol, hoje em dia já não dá mais. Não que eu não tenha vontade. Eu tenho vontade. Às vezes eu quero sair (...), mas penso primeiro nela (na filha). E Diego mesmo morando longe da filha percebe mudanças em seu próprio comportamento, depois que soube que era pai. Eu já passei a enxergar uns tipos de coisa que eu nem dava atenção. (...) Eu tomava a minha cerveja, saía, não tinha aquele compromisso, aquela coisa (...) parei porque pra mim também eu não sei (sic) Às vezes ela pode precisar de algo urgente eu tenho que ter algo para ajudar minha filha. (...) passei mais a observar crianças coisa que eu não fazia tanto.

Os cuidados com os filhos muitas vezes foram vistos como algo exclusivamente feminino. Barsted (1998), deixa claro que as práticas do cuidar não é algo predeterminado pela biologia feminina, mas é uma atribuição, uma prática social que pode ser mudada. Diego, no primeiro mês de sua filha, conseguiu passar por tal experiência: *Olha, no primeiro mês todinho eu fiquei junto, já dei banho, trocava fralda, acordava de noite quando ela ia amamentar, eu tava lá do lado enquanto ela amamentava. (...) Eu dava banho quase todo dia nela, até mesmo para a mãe descansar. (...) você acredita que eu estava assim... Tão deslumbrado, com aquela surpresa toda que eu nem me importei, que eu acordava quase toda hora mesmo quando ela não chorava e não acontecia nada. Eu acordava sem ver, ia lá sozinho e olhava ela. Sério mesmo, não precisava nem de chorar que eu acordava.*

Carlos relata sua experiência: *Olha, no começo eu participei muito. Eu trocava fralda... Eu limpava, dava banho. Renato que teve a experiência de ter a filha internada por dois meses logo após o nascimento não participou muito dos cuidados diários com a filha,*

começou a desenvolver mais o vínculo com a filha quando ela teve alta e foi para casa: *No início, foi a experiência do hospital. Eu só podia ir lá no horário de visitas, eu não tinha outro contato. Quem fica é a mãe, eu ia lá só no horário de visitar e só pegava ela no colo e ela só dormia. Quando ela veio para casa aí sim que pude ter aquele contato de pai mesmo, de filha. (...) Participei mais quando ela veio pra casa.*

Esses cuidados não têm sido somente com os filhos, há uma quebra do preconceito de que os trabalhos do lar devem ser feitos somente por mulheres, os homens têm se mostrado mais participativos dentro de casa, mostrando estar disposto em ajudar no que precisar.

57. Nas tarefas de casa, eu ajudo (Renato).

57. Nas tarefas de casa, eu realizo o que precisar (Diego).

Para os pais participantes da pesquisa, a idéia do patriarcalismo não é algo predominante para eles. Há uma busca para que haja a divisão em todas as tarefas e responsabilidades dentro da casa. Renato, por exemplo, trabalha durante o dia e a noite tem ficado com a filha para que a esposa possa estudar: *Agora, nesse período que ela (a esposa) está estudando eu fico mais com a MJ (a filha) (...) Aí, quando chega a noite minha atenção é pra ela. Eu brinco, faço mais as vontades dela, vejo o que ela está querendo, passeio, saio com ela. Então à noite tenho mais tempo para a MJ. Então assim, eu não me importo se tenho que sair ficar até mais tarde, sair pra rua pra onde for. Quer brincar, então vamos brincar.*

Foi pedido para que os sujeitos da pesquisa definissem o que é ser pai. Para um dos sujeitos, o Renato, pai é sinônimo de paciência. Ele considera seu papel como sendo algo não muito fácil de se realizar, por exigir muita paciência e preocupação. *Pai é preocupação, carinho e é gostar de ser pai. Porque se a gente for analisar assim, não é fácil (...) Defino pai como paciência.* Diego define pai com a palavra responsabilidade: *Nossa, tem que ter muita responsabilidade né? Ser muito responsável (...) Então eu acho que ser pai é ter muita responsabilidade e amor também, presença.* E Carlos define usando a amizade: *ser pai para*

mim é ser amigo, é ser companheiro, é apoiar nas horas difíceis, é cuidar, é estar ali em cima, sempre. Estar sempre junto.

Para os autores Brazelton e Cramer (1992), o homem contemporâneo mostra-se mais preocupado com a paternidade, ele tem buscado literatura especializada relativa ao tema, com a esperança de que, adquirindo para si o conhecimento técnico sobre a paternidade, ele consiga desempenhar com êxito sua nova função. A procura por compreender e aprender sobre paternidade não está limitada somente à literatura, o homem quando descobre que será pai, ele tem se interessado mais, buscando informações também em livros, revistas, internet, televisão e também em conversas com outros pais ou mães. Diego e Renato confirmam as palavras dos autores. *Eu procurei literatura (...). Comecei a conversar com outras mães, pegar dicas* (Diego). Já Renato utiliza vários recursos: *Hoje eu aprendo em várias coisas, eu leio livro, leio uma mensagem, uma reportagem que passa na televisão e tento filtrar o que eu acho que seja bom para minha filha.* Tudo isso mostra a preocupação que esses novos pais têm frente a educação que pretendem passar para seus filhos. Mais uma vez confirmando as palavras dos autores Brazelton e Cramer (1992), de que esse desempenho pode ser uma tentativa nova e superior às realizações e vivências passadas.

As características do pai primevo, descritos nos mitos freudianos, de que eles são rigorosos, severos, frios, distantes, que castigavam e não abriam espaços para diálogos, fizeram parte da vida desses sujeitos na relação com os seus próprios pais. Hoje em dia, esses homens buscam uma nova forma de educar, buscando mais diálogo e querendo ser amigos de seus filhos. *Eu pretendo modificar algumas coisas, lógico, que eu via talvez não como certo por meu pai ter sido muito duro (...). Não quero que ela (a filha) me tenha somente como pai, mas como amigo também é importante* (Diego).

Os autores Brazelton e Cramer (1992) dizem que “o desejo masculino de ter um filho é influenciado também pela antiga rivalidade edipiana; a geração de um filho representa um

modo de o pai igualar-se ao próprio pai, mas a criação do bebê é a oportunidade de superá-lo. Cada pai deseja ser melhor que seu antecessor” (p. 43).

(...) a gente sempre quer ser melhor que o pai da gente foi. Não que o meu pai não tenha sido bom, porque ele foi um excelente pai, mas a gente sempre fica pensando assim: quando eu tiver um filho vai ser assim, assim e tal (Carlos).

Há uma diferença no educar e no cuidar se compararmos pais e mães. O pai ainda possui características da educação que vivenciou: *O pai tem que ser assim mais firme (...)* Mãe normalmente perdoa mais, o pai já é mais duro. *O pai às vezes fala: sou flexível. Mas o pai tem uma dureza no coração que permite isso (sic) (Renato). Eu acho que a figura masculina, não é também desmerecendo a mulher, mas às vezes é vista também, até com mais respeito pelos filhos. Não entendo o porque (...) a mãe geralmente é mais carinhosa, ela é mais preocupada... (Diego).*

Para Burdon (1998) “uma barreira significativa à participação paterna é a de que os homens muitas vezes são ativamente excluídos de uma maior grau de envolvimento por suas companheiras” (p. 87). Winnicott compartilha tal idéia, dizendo que são as mulheres as responsáveis por darem ou não espaço para que o homem participe enquanto pai. Para diversos homens, a atitude de suas parceiras é uma barreira significativa para seus esforços em envolverem-se mais plenamente com a criação das crianças. *Ah, eu acho que poderia fazer mais, só que eu não faço muito porque eu acho que a mãe dela me priva. (...) Há coisas que eu poderia estar melhorando, até mesmo o conforto da mãe dela e dela, pras duas né? (Diego).* Os homens precisariam estar dispostos a aprender e suas companheiras dispostas a deixá-los aprender, até mesmo deixar que os pais façam as coisas a seu modo.

Observa-se pelas falas dos sujeitos, que a família é um núcleo primordial para o desenvolvimento saudável de uma criança, que é uma base. Carlos se expressou dizendo que: *Família, pra mim, é a base de tudo na formação de uma criança. Se não for a família não tem*

condição nenhuma de uma criança hoje em dia seguir uma vida normal na sociedade. Diego opina: Família é o alicerce. Alicerce de tudo. Alicerce para a educação, alicerce para esta parte psicológica da pessoa. Família é alicerce. Se você tiver uma família desestruturada, com certeza os filhos vão crescer com complexos, com várias dificuldades no convívio social.

Ser família para os pais entrevistados é ter em casa uma composição de uma pessoa do sexo masculino que se une a uma outra pessoa do sexo feminino para terem filhos. Um dos pais da pesquisa, o Carlos, demonstrou ser contra os novos arranjos familiares, principalmente quando se trata da relação entre homossexuais. *Nossa, eu não concordo. Acredito que família deve ser formada a partir de um casal, sempre, homem e mulher (...) Eu não vou dizer pra você que eu acho normal, mas também eu não fico discriminando. Eu procuro tratar com naturalidade, mas sem deixar que isso influencie na vida do meu filho, na vida sexual dele. Eu não considero que sejam atitudes corretas, até porque a família se forma à base de um casal. O casal que vai se unir, e ter filhos. Se esse casal não pode ter filhos por meio natural, pra mim não é uma família correta, não deveria ser... completa.*

Para Renato, mesmo não aceitando esses novos arranjos familiares que tem surgido, ele demonstra que é um fato que tem se tornado comum e que merece ser respeitado. *Hoje em dia é realidade que tem homossexual. Daqui há algum tempo, com certeza, vai ter casais que vão adotar filho e eu tenho que ensinar para minha filha que ela não pode discriminar. Tem que respeitar... Mesmo que eu não aceite, tem que ensinar a questão do respeito.*

Diego compartilha de tal opinião: *Olha, eu não tenho preconceito nenhum (...) Agora, contanto que não interfira no meu modo de ver e não interfira na minha pessoa, tudo bem. Estou respeitando eu não tenho nada contra. Agora, contanto que não venha ferir minha dignidade, minha família, entendeu (...) Eu também não quero ensinar pra ela (para a filha) preconceito, essas coisas.*

Assuntos sobre transformações sócio-culturais também surgiram e os pais se mostraram bastante preocupados com a inserção de seus filhos neste contexto que está a sociedade, principalmente quando se trata da violência. (...) *a maioria das mudanças que estão ocorrendo agora, não são tão boas como deveriam ser, principalmente essas músicas que só falam de sexo. A televisão que também só mostra isso, só mostra violência* (Carlos). Diego também se mostra preocupado, dizendo que a violência é o maior desafio que ele encontrar para educar. *Hoje em dia não vou poder deixar minha filha sair pra rua, pra brincar tranqüilamente, sem ter ninguém ali do lado olhando o tempo todo, não vou poder deixar (...) Hoje em dia não tem respeito.*

Mediante o completamento de frases foi possível notar que os pais também sentem-se preocupados com o relacionamento que têm tido com seus filhos. Carlos respondeu o completamento de frases mostrando que sente falta de ter mais tempo para se dedicar ao filho:

24. Preciso ser sempre um bom exemplo para meu filho.

29. Diariamente me esforço para ser um pai melhor, um esposo melhor e um filho melhor.

35. Se eu pudesse ficaria o dia inteiro com meu filho, minha família.

Diego também mostra esta preocupação em relação a filha:

12. Minha preocupação principal criar minha filha.

41. Meu maior compromisso com minha filha.

Foi possível observar, através das conversações e completamento de frases, que estes homens buscam a cada dia serem melhores em sua função paterna. Mesmo estando presentes, participando dos cuidados diários com os filhos, eles mostraram-se preocupados com seu desempenho enquanto pai e que querem ser melhores. *Então eu acho que eu sou um bom pai, mas que eu posso melhorar e muito, com relação principalmente no tempo que eu tenho pro meu filho* (Carlos). *Assim, tem amor, tem carinho, tem atenção, mais falta àquela percepção*

do dia a dia, falta ter aquele percepção do que a criança quer, algumas coisas que ela está sentindo. Ainda sou desatento a algumas coisas, então isso impede que eu tenha um bom relacionamento de pai (Renato). Eu acho que eu conseguiria fazer mais... eu acho que poderia dar mais. E também estar mais presente (Diego).

Os sujeitos colaboradores da pesquisa mostraram possuir capacidades para desempenharem de um modo satisfatório as suas funções de pai. Mostrando-se preocupados com a educação, com o ambiente familiar aonde os filhos irão se desenvolver, com a violência contida na sociedade atual e também se preocupam em dar uma condição financeira satisfatória para o filho.

No capítulo seguinte será feita uma conclusão relacionando todos os capítulos na tentativa de analisar como os homens têm se portado frente à paternidade e assim expor uma nova visão sobre o pai.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do presente estudo, foi possível conhecer os sentimentos e as perspectivas de homens da atualidade que têm vivenciado a experiência da paternidade e, assim, lançar um novo olhar sobre o tema que tem se tornado motivo de interesse para vários estudiosos e pesquisadores – portanto, os objetivos propostos inicialmente foram alcançados. Esses pais sabem e reconhecem a importância que têm frente a educação e desenvolvimento de seus filhos.

A função paterna (ou a falta dela) é um assunto que tem sido preocupante para alguns autores, por exemplo, para Araújo (2006 b) que diz que tal falta pode ocasionar graves problemas no desenvolvimento da criança, principalmente quando se trata de impor regras, limites, valores morais e sociais.

Interessante notar que houve uma mudança muito grande no que diz respeito à função paterna. O pai primevo ainda existe, porém ele tem exercido seu papel de forma mais amena, podendo dividir com outras pessoas (no caso da pesquisa, com a mulher) não só o papel de provedor, mas também o de cuidador. Afirmando, assim, as palavras de Barsted (1998) que diz haver sim novos modelos de pais e mães, mas que estes podem ser combinados. Tal combinação é necessária a fim de responder às diversas necessidades dos indivíduos e de sua família.

Algo que foi percebido em comum entre os pais participantes da pesquisa é que eles são, a princípio, pais mais tradicionais, que vêem a família como sendo composta apenas por pai, mãe, filhos e, em alguns casos, nota-se também a presença de tios ou avós nesta composição familiar. Porém, nos dias atuais há modelos de família diferentes, por exemplo, há famílias que são compostas por homossexuais ou por outros parentes da criança que não sejam necessariamente pai e mãe ou por pais ou mães solteiros, e que conseguem manter uma estrutura adequada para que haja um bom desenvolvimento da criança. Os pais¹ da atualidade não precisam ser figuras do sexo

¹ Os pais na visão de Lacan.

masculino e nem mesmo aquele que foi o procriador, mas sim alguém que consiga exercer bem sua função.

A justificativa, de fato, foi importante, por ter afirmado que esses pais reconhecem sua importância e mostram empenho para exercerem um papel significativo na vida e no desenvolvimento de seus filhos. Lacan, quando discursa sobre o complexo de Édipo, diz que ser pai é uma busca, por isso não há um pai que seja completo. Sendo assim, não há um modelo para se seguir, quando se quer ser um bom pai.

Ao longo desta pesquisa, o presente trabalho trouxe diversos benefícios, suscitando novas aprendizagens acerca do tema proposto, entre eles compreender, refletir e reconhecer que muitas vezes a busca por tratamento psicológico não se isola somente no indivíduo, é preciso conhecer e trabalhar também com a família, mostrando a importância que há em ter alguém dentro do ambiente familiar que dê carinho, atenção, mas que também tenha alguém que possa exercer bem uma função de pai, dando limites, colocando regras. O exercer dessas funções não precisa ser por meio de pessoas distintas, a pessoa que fará o papel da lei poderá ser também a pessoa que irá buscar compreender o filho e dar-lhe afeto. O presente trabalho também despertou um anseio maior em estudar mais sobre a importância da família, e as funções que são inerentes a ela.

As informações contidas nesta pesquisa não têm como objetivo tornar esse novo olhar sobre o tema da paternidade como uma verdade incontestável, tal assunto ainda merece um estudo mais profundo, diversas discussões e quebras de preconceitos. Várias visões e interpretações sobre a paternidade atual ainda irão surgir, mas por enquanto, o presente trabalho poderá ser concluído usando definições colocadas pelos próprios sujeitos que participaram da pesquisa, de que ser pai é também ser paciente, ter responsabilidade e ser amigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, L. B. (2006 a). A identificação e a lei. In: Mourão A. e Lima, M. N org. (2008). *As identificações e a identificação sexual*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Araújo, S. M. B. (2006 b). “*Pai, aproxima de mim esse cálice: significações de juízes e promotores sobre a função paterna no contexto da justiça*”. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília.
- Barsted, L. L. (1998). Contribuições do Feminino para o Exercício da Paternidade. In: Silveira, P. *Exercício da Paternidade*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul.
- Borges, A. A. P. (2006). *Desejo de ser pai: algumas vicissitudes da função paterna*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Minas Gerais.
- Brazelton, T. B & Cramer B. G (1992). *As Primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Burdon, B. (1998). Envolvendo os Homens na Vida Familiar: Se Eles Podem Fazê-lo, Porque não o Fazem? In: Silveira, P. *Exercício da Paternidade*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul.
- Dor, J. (1997). *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (2003). *Introdução à leitura de Lacan*. Porto Alegre: Artmed.
- Fiori, W. R. (1981). Modelo Psicanalítico. In: Rappaport, C. R., Fiori, W. R., Davi, C. *Teorias do desenvolvimento. Conceitos fundamentais*. (Vol. 1). São Paulo: E.P.U. pp 41- 45.

_____ (1969 a [1934-38]). Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas. *Moisés e o Monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago. pp. 15-72.

_____ (1969 b [1909]). Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas. *Dois histórias clínicas (O pequeno Hans e o Homem dos ratos)* (Vol. X). Rio de Janeiro: Imago. pp. 13-141.

_____ (1969 c [1912-1913]). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. *Totem e Tabu e outros trabalhos* (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago. pp. 21-43.

_____ (1976[1920-1922]). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. *Além do princípio de prazer Psicologia de grupo e outros trabalhos* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. pp. 89-179.

Gomes, R. M. M (2003). A escrita freudiana do pai-sintoma. *Agora: estudos em teoria psicanalítica*. 6 (3). Recuperado em 19 agosto, 2008 de http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982003000200006&lng=es&nrm=s

Gonzalez Rey, F. L. (2002) *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning.

_____ (2005) *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os processos de construção da informação*. São Paulo: Thompson Learning.

Hurstel, F. (1999). *As novas fronteiras da paternidade*. Campinas, SP: Papyrus.

Kehl, M. R. (n.d). Nos braços do papai. *Revista Mente & Cérebro*. Edição especial da serie, a mente do bebê. Publicação Ediouro, Segmento-Duetto editorial Ltda.

Lacan, J. (1994 [1956-1957]). A relação de objeto. *O seminário*. (livro 4). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. pp. 203-219.

_____. (2005). *Nomes – do – Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R. Lopes, R. S. & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicol. Reflex. Crit.* 1(3). Porto Alegre. Recuperado em 02 agosto, 2008, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01027972204000300003&lng=pt&nrm=iso.

Porge, E. (1998). *Os nomes do pai em Jacques Lacan. Pontuações e problemáticas*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Roudinesco, E. (2002). *A Família em Desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Winnicott, D. W. (1982). E o pai? In: *A criança e o seu mundo*. Ed. 6ª. Rio de Janeiro: LCT. pp 127-133.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta é uma pesquisa desenvolvida pela aluna de graduação em Psicologia, Paula Rachel Monteiro, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, e tem como finalidade fazer um estudo sobre as novas funções que o pai tem assumido nos dias atuais, de forma que esta pesquisa possa contribuir de alguma forma, para que se possa entender os sentimentos e preocupações deste pai, acerca do lugar que ele tem ocupado na família contemporânea.

O estudo faz parte da disciplina de Monografia, como trabalho de conclusão de curso, exigido para a obtenção do grau de bacharel em psicologia e será orientado pela professora Ciomara Schneider. Sendo assim, você está sendo convidado a participar desta pesquisa, voluntariamente, e a sua contribuição se dará por meio de dois ou mais encontros com a aluna pesquisadora, de acordo com a sua disponibilidade e no local que para você seja mais acessível e confortável. Nos nossos encontros, faremos uma entrevista com o tempo livre que será gravada, para facilitar o trabalho da pesquisadora.

Você tem a livre escolha de participar dessa pesquisa e poderá recusar em continuar participando dela a qualquer momento, também possui o direito em não responder perguntas que considere constrangedora, não irá haver qualquer tipo de penalização ou prejuízo para a conclusão do trabalho. Afirmando que será mantido o total sigilo, omitindo-se qualquer informação que possa vir a lhe identificar, inclusive seu nome, local de trabalho, endereço e o nome de pessoas que, porventura, venha a ser citado. Somente a orientadora terá conhecimento dos dados durante a fase de elaboração da pesquisa. A monografia poderá ser viabilizada para o público, entretanto os seus dados pessoais, bem como as informações que

você não queira que sejam divulgadas, mas que queira compartilhar com a pesquisadora, serão mantidos sob sigilo.

Qualquer dúvida, ou se desejar alguma informação sobre a pesquisa o telefone da pesquisadora do projeto, do comitê de bioética do UniCEUB e, se necessário o telefone da professora orientadora estará disponível.

Como os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa, nenhum dos procedimentos utilizados oferecerá risco à sua dignidade.

Sendo assim, solicito o seu consentimento de forma livre e esclarecida para participar desta pesquisa:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista as declarações apresentadas, concordo em participar deste estudo de forma livre e esclarecida.

Brasília, de de 2008.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Paula Rachel Monteiro – Pesquisadora

Ciomara Schneider – Orientadora

Contatos:

Pesquisadora: Paula Rachel Monteiro - Telefone: (61) xxxx - xxxx

Professora Orientadora: Ciomara Schneider - Telefone: (61) xxxx - xxxx

CEP-UniCEUB - Telefone 3340-1363 – E-mail comite.bioetica@uniceub.br).

APÊNDICE B

Roteiro para a entrevista

1. Como foi a gravidez, o planejamento?
2. Como você participou da gravidez?
3. Fez algum curso preparatório para a chegada do bebê?
4. O que sentiu quando soube que seria pai?
5. Como foi sua participação nos cuidados com o bebê?
6. O que mudou na sua vida depois da gravidez?
7. O que é ser pai para você?
8. Como se sente sendo pai?
9. Para educar, em quem você irá se inspirar?
10. Qual a melhor lembrança com o seu pai que você tem da sua infância?
11. E a pior?
12. Quais os valores que você gostaria de passara para seu filho?
13. O que o seu pai fez ou falou que você gostaria de repetir com o seu filho?
14. O que o seu pai não fez ou não falou, e que você acha importante passar para o seu filho/
15. Observando as transformações culturais que têm ocorrido, de que forma elas podem influenciar na educação que você pretende passar para o seu filho?
16. Quais os desafios de ser pais hoje?
17. Na sua opinião, qual a importância dos pais na educação do filho?
18. Você percebe diferenças na forma de educar, se compararmos pai e mãe?
19. O que é família? A sociedade percebe a família do mesmo modo que você?
20. O que você acha desses novos arranjos familiares? Como lida com isso?
21. Como é a sua rotina enquanto pai?
22. Se auto-avalie em seu papel de pai.

APÊNDICE C

Complete a Frase

Iniciais do Nome:

Idade:

Iniciais do filho:

Idade do filho:

Sexo do filho:

Complete as frases a seguir, de modo que elas expressem seus verdadeiros sentimentos, idéias, opiniões e percepções. Procure não buscar respostas prontas e elaboradas, seja simples e sincero!

1. Uma realização
2. Ter filhos
3. Meu (minha) filho (a)
4. Minha família
5. Minha maior dúvida
6. Uma alegria
7. Meu maior medo
8. O sexo para mim
9. Penso que a gravidez
10. Responsabilidade
11. Uma dor
12. Minha preocupação principal
13. Ser pai
14. Ser mãe
15. Eu queria ser
16. Tomo cuidado para
17. Minha infância foi
18. Educação é
19. Pra mim a violência
20. A forma que eu era castigado
21. O trabalho
22. Sinto-me frustrado quando
23. A maior emoção que tive.....
24. Preciso
25. Não posso
26. A felicidade

27. Considero que posso
28. Penso que os outros
29. Diariamente me esforço
30. Eu gosto muito
31. No passado
32. Com frequência reflito
33. Ao me deitar
34. Farei o possível para conseguir
35. Seu eu pudesse
36. O lar
37. Acredito que minha melhor atitude
38. Acredito que minha pior atitude
39. Eu gosto
40. O tempo mais feliz
41. Meu maior compromisso
42. A vida
43. Meu futuro
44. O casamento
45. Algumas vezes
46. O que mais me irrita
47. Desejo
48. Secretamente eu
49. Com frequência sinto
50. Amo
51. Minha maior ambição
52. Cabe a mim
53. O tempo mais feliz
54. Lamento
55. Gostaria de saber
56. Pai presente é aquele que
57. Nas tarefas de casa, eu
56. Hoje
57. Eu

ANEXOS

ANEXO I

PARECER DO PROJETO DE PESQUISA

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Brasília, 09 de setembro de 2008.

Memo. 341/08

Do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP / UniCEUB

Para: Ciomara Schneider

Assunto: Encaminhamento do Parecer CAAE 0064/08 (TCC132/08)

Prezada Pesquisadora,

Encaminhamos o parecer CAAE 0064/08 (TCC132/08) referente ao projeto **“Paternidade – reencontro com esta função na atualidade”**. O mesmo encontra-se **aprovado** por este Comitê de Ética em Pesquisa e está em condições de ser iniciado.

Ressaltamos a necessidade de atenção aos Incisos IX.1 e IX.2 da Resolução 196/96 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto.

Após o seu encerramento, solicitamos o envio do relatório, conforme anexo, até 05 de dezembro de 2008.

Cordialmente,

Marília de Queiroz Dias Jácome
Comitê de Ética em Pesquisa – UniCEUB
Coordenadora

Marília de Queiroz Dias Jácome
Coordenadora do CEP/UniCEUB

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UniCEUB

PARECER CONSUBSTANCIADO

1. Dados identificadores do projeto:

- **Código do projeto:** CAAE 0064/08 (TCC132/08)
- **Nome do projeto:** Paternidade – reencontro com esta função na atualidade.
- **Equipe de pesquisa:** Ciomara Schneider (responsável) e Paula Rachel Monteiro
- **Instituição responsável:** Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
- **Área temática:** Psicologia

2 - Objetivo do projeto: Conhecer os sentimentos e as perspectivas de pais contemporâneos, frente às suas novas funções.

3 - Justificativa do projeto: O projeto é justificado pela expectativa de se lançar mais um olhar sobre a nova paternidade, visando conhecer como os sentidos e significações sobre o ser pai têm se organizado e buscando compreender seus medos, adaptações, questionamentos, alegrias e realizações. E assim, mostrar a importância que esse pai tem e exerce frente ao desenvolvimento do filho.

4 - Metodologia da pesquisa: Serão feitas entrevistas semi-estruturadas e um questionário "complete a frase", onde serão abordados alguns temas como: família, sexualidade, filhos, responsabilidade, medo, família, futuro, afetividade, entre outros. Será usado um gravador, folha branca, prancheta e caneta.

5 - Critérios de participação dos sujeitos: Os participantes da pesquisa serão quatro homens que estão vivendo a experiência da paternidade, possuem idades entre 26 e 33 anos. Os quatro são moradores de uma região administrativa (cidade satélite) do Distrito Federal. Os sujeitos foram escolhidos de acordo com a experiência que cada um possui frente à paternidade. O sujeito R.G.C de 33 anos, é casado e tem uma filha de 1 ano de idade. O sujeito V.S.S de 26 anos tem um filho de 2 anos de idade, que mora com a mãe. O terceiro participante da pesquisa, F.M.B de 29 anos, é um pai solteiro. Por fim, o quarto participante C.A.S de 26 anos, é casado e tem um filho de 2 anos de idade

**6 – Considerações:**

a) Pertinência e valor científico do estudo proposto: A pesquisa proposta revela sua pertinência e valor social e científico na medida em que se dedicará a tema importante em uma sociedade cuja família e, nela, o pai, passam por mudanças a exigirem investigação científica.

b) Adequação da metodologia aos objetivos propostos: É adequada a metodologia aos objetivos propostos.

c) Grau de vulnerabilidade dos sujeitos e medidas protetivas propostas: Os sujeitos de pesquisa não se enquadram em grupo vulnerável.

7 – Termo de consentimento livre e esclarecido: O TCLE atende as exigências previstas na Resolução 196/96 do CNS.

8 – Parecer do relator: APROVADO.

Brasília, 29 de agosto de 2008.

Marília de Queiroz Dias Jácome
Comitê de Ética em Pesquisa – UniCEUB
Coordenadora

Marília de Queiroz Dias Jácome
Coordenadora

ANEXO II

ENTREVISTA I

Entrevista concedida no dia 27/10/2008

- Sujeito da pesquisa: C.S.A. – 26 ANOS – POLÍCIAL MILITAR E ESTUDANTE – CATÓLICO.

(Nome fictício: Carlos)

- Esposa: D.C.A.A. – 22 ANOS – FUNCIONÁRIA PÚBLICA E ESTUDANTE.

- Filho: L.H.C.A. – 2 ANOS E 8 MESES (08/02/06).

Carlos tem 26 anos, é policial militar e pai de um menino de dois anos e oito meses de idade. A gravidez não foi planejada, mas ele há muito tempo já queria ser pai. Participou da gravidez e assistiu ao nascimento do filho. É muito ligado à família, principalmente depois que o irmão comentou suicídio há um ano. Pretende ter mais filhos.

ENTREVISTA:

P: Como foi a gravidez? Foi uma gravidez planejada?

C: Não, não foi uma gravidez planejada. A gente já tava namorando já tinha um tempo. A gente namorou mais de um ano sem, né... Sem engravidar. Aí, mais ou menos, um ano e pouco namorando ela engravidou. Aí a gente ficou naquela expectativa. Aí a gente correu lá e comprou aquele exame da farmácia, e tal, fez já deu positivo. E mesmo assim a gente não contou pra ninguém. Aí corremos lá e fizemos o exame de sangue, aí ela tava grávida. Eu saí louco, ligando pra todo mundo, dizendo que ia ser pai. Com uma felicidade da porra. Bom demais

P: E o que você sentiu quando soube que ia ser pai?

C: Nossa, foi uma emoção muito grande. Que eu sempre fui louco para ser pai. Desde que eu me entendo por gente, eu sempre quis ser pai. Pra mim foi um sonho realizado. Eu sempre sonhei em ser pai. Maior emoção, de ver ela grávida, de fazer aquelas ecografias. Cara, cada dia que passava eu ouvia o coraçãozinho dele batendo e aquela barriga crescendo. Nossa muito emocionante. A maior e melhor emoção que eu já tive na minha vida.

P: E porque você queria tanto ser pai?

C: Não sei, acho que essa relação de amizade, de sangue mesmo assim... Se lá, uma pessoa pra você cuidar... E pra ela, não sei explicar o porque. Acho que é porque a gente sempre quer ser melhor que o pai da gente foi. Não que o meu pai não tenha sido bom, porque ele foi um excelente pai, mas a gente sempre fica pensando assim: quando eu tiver um filho vai ser assim, assim e tal. A gente fica criando a expectativa, e foi aumentando a vontade, até que eu fiquei louco para ser pai.

P: Você participou do parto?

C: Participei, assistiu tudo. Foi muito emocionante. A parte mais emocionante foi na hora que eu vi ele saindo, a cabeça dele saindo. E ele era meio grande, e o médico teve um certo trabalho de puxar ele. Aí ficou as marcas dos dedos do médico na cabeça dele. Até fique com medo.

P: Foi normal?

C: Foi cesárea. Nossa, mas foi incrível. Na hora, até esqueci de bater foto. Na hora que ele saiu mesmo, que o médico tirou ele, que foi mostrar pra D., que a D. tava meio grog, era a hora que eu tinha que tirar foto, tava tão bobo alí, tão bobo olhando pra ele que eu nem lembrei de tirar foto mais... (risos)

P: A D. que deve ter brigado depois...

C: É (risos)... Ficou brava. Mas ela tava muito grog, mais pra lá que pra cá.

P: Como foi a sua participação nos os cuidados com o bebe?

C: Olha, no começo eu participei muito. Eu trocava fralda... Eu limpava, dava banho. Aí depois, porque a D. sentiu um pouco de ciúmes. Era eu que dava banho nele, era a mãe dela, era a minha mãe, era minha avó. Menos ela. Aí ela começou a sentir muito ciúmes, aí eu deixei mais ela fazer isso, essas coisas. Cuidar mais dele, trocar fralda, dar comida, tudo.

P: Você não tinha medo de machucar ele não?

C: Não. Eu já tinha um afilhado. Acostumei, pegava... Algumas vezes fiquei com o meu afilhado, trocava ele, já tinha trocado ele. Eu prestei muita atenção no dia que a menina foi dar o primeiro banho pra poder saber como fazer. Como ela pegava, como minha avó pegava, como minha mãe pegava, pra aprender. Prestei muita atenção. Pra nunca deixar nenhum furo.

P: E a partir de qual momento você percebeu que realmente era pai?

C: O amor mesmo assim... Eu acho que o momento que a gente percebe que é pai, é aquele momento que o amor aflora dentro da gente. A gente vê que aquela pessoa que tá vindo ali, aquele “serzinho” que acabou de nascer é tudo pra gente. Então eu acho que foi logo após o parto. Que eu vi, nossa... Eu fiquei louco por ele, na hora. Logo após o parto.

P: O que mudou na sua depois da gravidez?

C: Vixi... Mudou tudo. Minha vida mudou completamente. Todas as minhas ações são voltadas pra ele agora, tudo. Antes de fazer qualquer coisa, agora eu penso nele, até se eu for comprar uma balinha. No começo foi mais forte, se eu fosse comprar uma balinha e achasse que aquele dinheiro daquela balinha iria fazer falta pra ele, eu não comprava. E ficava, pensando, nossa e se meu filho precisar. Nossa mudou tudo, eu parei de sair com os amigos, diminuiu, eu não parei por completo. Por que eu ainda jogava bola, saía com os amigos pra jogar uma sinuca. Não continuou a mesma coisa. Eu não saía mais pras baladas, não saía mais pra farra nenhuma, pra deixar meu filho em casa. Ainda mais pra gastar dinheiro atoa, sendo que eu tinha uma criança pra criar né. Mudou muita coisa. Mudei aqui de casa, fui morar na casa da minha sogra. Cara foi uma mudança radical.

P: E como foi a espera pelo bebê?

C: Nossa, foi muito boa, foi muita ansiedade. A gente ficava muito ansioso, pra saber como ele ia ser. O cabelo, os olhos, a cor da pele, tudo a gente ficava imaginando e conversando sobre isso. Nossa, foi incrível.

P: Você imaginava que ele iria se parecer tanto com você?

C: risos... Imaginava. Mas eu pensei que ele fosse nascer mais moreninho, mais parecido comigo ainda... Risos...

P: O que é ser pai para você?

C: Ser pai para mim é ser amigo, é ser companheiro, é apoiar nas horas difíceis, é cuidar, é estar ali em cima, sempre. Estar sempre junto. É ser o tutor aqui pra eles. Praticamente de tudo, principalmente do filho homem, porque quando é mulher, até por uma questão de ordem tem que ficar mais perto da mãe e tudo. Mas quando é homem, tem que se guiar mais pelo pai né.

P: Como você se sente sendo pai?

C: Nossa, eu me sento realizado. Pra mim foi um sonho que se tornou realidade. É uma coisa inexplicável pra mim, a melhor coisa que aconteceu na minha vida, uma emoção. Ele é tudo pra mim, a pessoa mais importante da minha vida. Tudo que eu fizer ou deixar de fazer vai ser por causa dele, vai ser sempre pensando no melhor pra ele.

P: Pra educar o LH, em quem foi se inspira?

C: Me inspiro nos meus pais, na minha mãe e no meu pai, em um dos meus tios também que cuida muito bem dos filhos dele. Procuo sempre pegar os pontos positivos de cada um deles, porque tanto o meu pai, quanto a minha mãe ou qualquer outra pessoa, tem sempre os pontos positivos e os pontos negativos. E um dos pontos positivos que eu queria passar, que o meu pai sempre passou pra gente, é a honestidade e a humildade, ele sempre tentou passar isso. Minha mãe sempre cobrou que a gente estudasse e tudo, e seguisse um caminho bom, então cada um deles tem um ponto super positivo. Eu acho que o erro deles foi só a separação, porque, um completava o outro. Então, pra educação ser perfeita os dois sempre tinham que estar juntos, pra eles conseguirem... Então é uma coisa que eu pretendo sempre manter aqui em casa. É... Eu a minha esposa e os meus filhos. Porque eu pretendo ter mais né.

P: Mais quantos?

C: Ah, mais uns três. Até quantos Deus me der... E eu der conta de criá-los, eu vou aceitando, eu vou pegando tudo.

P: Porque você quer ter tantos filhos?

C: Porque eu acho que a família grande ela é muito melhor. É mais unida... Quando faz uma reuniãozinha de família junta mais gente. Se um irmão precisa de um outro, e ele não pode ajudar, sempre vai ter outros irmãos para poder ajudar. Então é o suporte. Não tenho como explicar... Porque aqui em casa sempre foi eu e meu irmão, só nós dois. Quando um precisava do outro, e o outro não podia, ficava muito difícil, e eu acredito que se fossemos mais irmãos, isso seria muito mais fácil. Tudo teria sido mais fácil, tudo teria sido melhor nas nossas vidas.

P: Qual a melhor lembrança que você tem da sua infância?

C: Melhor lembrança... ah, quando eu, meu irmão, meu pai e minha mãe ficávamos juntos. Quando a gente estava junto, fazendo alguma atividade junto, tipo quando a gente ia num pesque-pague e passava o dia todo junto. Quando a gente ia num clube, passar o dia junto. Entendeu? Esses momentos de união da nossa família são os momentos mais importantes pra mim, que eu recordo melhor, que eu tenho melhores lembranças.

P: E a pior?

C: A pior lembrança da minha vida foi a perda do meu irmão. A pior coisa que já aconteceu na minha vida, o pior sentimento, o pior momento, a pior fase, a pior tudo...

P: Qual era a diferença de idade entre vocês?

C: Quatro anos. Outra coisa que eu também acho muito errado é essa diferença de idade ser tão grande. Acho que deveria ter sido menor. Uma coisa que eu queria que fosse diferente

aqui em casa, mas infelizmente não tá dando pra ser diferente. Mas para os próximos filhos eu não quero uma diferença de idade muito grande.

P: Porque você acha isso importante?

C: Eu acredito que os irmãos quando a diferença de idade é pouca, eles ficam mais ligados. Porque os interesses são os mesmos. Vão sair para os mesmos lugares, os amigos vão ser praticamente os mesmos. Então a união aumenta. Vão passar mais tempo juntos por ter a diferença de idade muito pouca. Vão ser mais amigos do que irmãos.

P: Quais são os valores que você gostaria de passar para o seu filho?

C: Honestidade... Humildade. Mesmo que eu não tenha tanto, eu gostaria que ele fosse humilde, fosse honesto, que ele fosse n coisas.

P: O que eu seu pai fez ou falou pra você, e que você gostaria de passar para o seu filho?

C: silêncio. Fez ou passou?

P: Alguma atitude ou fala legal que marcou e você falou: "Nossa isso é legal, quando eu tiver um filho vou fazer ou falar o mesmo com ele".

C: Ah, não estou me recordando muito bem agora (risos)

P: E teve alguma coisa que ele não fez ou não falou que você sentiu falta e gostaria de fazer?

C: Olha, eu acho assim, uma coisa que o meu pai sempre passou pra gente, sempre foi a relação de amigo que eu, ele e meu irmão tínhamos. A relação de amizade entre pais e irmãos e filhos. Nós três éramos muito amigos. Um sempre contava com o outro, um sempre conversava com o outro, sempre confidenciava as coisas pro outro. Então isso foi uma coisa boa. Acredito que uma coisa que ele não fez e eu gostaria de passar para o meu filho, é passar mais tempo com o meu filho. Sempre. Tá mais junto, ensinar mais e melhor as coisas. Meu pai também não gostava de falar sobre certas coisas, principalmente sobre sexualidade, que o meu pai não gostava de conversar com a gente e com o meu filho eu quero que seja diferente. Eu e meu pai sempre fomos muito amigos. Mas eu quero que o meu filho seja mais amigo meu ainda do que o meu pai foi pra mim.

P: Quais os desafios de ser pais hoje?

C: Ah, manter o filho longe dos caminhos errados. Das más companhias... Seguindo sempre o caminho do bem, as coisas boas.

P: Temos passado por um período de uma transformação cultural e social muito grande, por exemplo, as músicas hoje em dia são diferentes, o que as crianças e os jovens valorizam são coisas diferentes, como você acha que essas transformações podem influenciar na educação que você quer passar para o seu filho?

C: Eu acho que essas mudanças tanto elas podem influenciar para o bem quanto para o mal. Tudo depende do contexto que essas mudanças são inseridas dentro da mentalidade da criança. Eu quero sempre manter um pouco de tradicionalismo... Não deixar muito ele aprender essas coisas ou então conviver com essas mudanças, porque a maioria das mudanças que estão ocorrendo agora, não são tão boas como deveriam ser, principalmente essas músicas que só falam de sexo. A televisão que também só mostra isso, só mostra violência. Principalmente a televisão hoje em dia eu gostaria de afastar dele, para que ele não sofresse tendo essa influência muito grande, principalmente na questão da violência. Porque televisão hoje em dia, a mídia, ela mostra mais violência do que qualquer outra coisa interessante ou instrutiva que poderia mostrar no lugar de tanta violência que mostram. Até porque acredito

que dê mais audiência, eles estão mais preocupados com a audiência e não com o conteúdo, com a cabeça do cidadão que ele tá formando, com aquilo que ele tá passando pro telespectadores, né.

P: Na sua opinião qual a importância dos pais para a educação dos filhos.

C: Nossa, primordial. Os pais, a família como um todo ela tem que sempre unido para dar uma melhor educação para os filhos que tiverem. Porque se não for a família hoje em dia, não tem como a criança ser bem criada, ter uma infância legal, os pais são a base da criança, a família é a base da criança.

P: O que é família?

C: O que é família? Família, pra mim, é a base de tudo na formação de uma criança. Se não for a família não tem condição nenhuma de uma criança hoje em dia seguir uma vida normal na sociedade. Crescer normalmente, sem influências do meio, do meio social. Não sei. Não sei explicar direito.

P: Você acha que a sociedade percebe família do mesmo jeito que você percebe?

C: Não, acredito que a maioria não. Não... Acho que a maioria percebe. A maioria acho que percebe a família como a base pra criação dos filhos, contudo isso vem diminuindo muito. Inclusive porque no decorrer do tempo acredito que, não sei por quais motivos, as famílias vem se desunindo cada vez mais. São casais que se separam, são irmãos que vão cada um para um canto, e não dá a mínima um pro outro, então a família vem se rompendo no decorrer do tempo. Acredito que esta visão, que eu e outras pessoas possivelmente tem a respeito da família, vem diminuindo bastante. Exatamente por causa disso, dessa desunião.

P: Na forma de educar, você percebe que ha diferença se comparar pai e mãe? Você acha que pai educa de um jeito e que mãe educa de outro?

C: Eu acredito que cada um se baseia naquilo que foi passado pra ele. Eu me baseio de acordo com que os meus pais me passaram. E a D., de acordo com que os pais dela passaram pra ela. Se for uma coisa... Se ela recebeu uma criação mais ou menos parecida com a minha, ela também vai passar, vai querer passar para o nosso filho mais ou menos aquilo que eu vou querer passar. Então eu acho que não tem diferença, a única diferença é que ela veio de um lugar, de uma criação, e eu vim de outra. Então a gente tenta sempre pegar o bom, de cada conceito, do que passa na cabeça dela do que passa na minha, de acordo com o que foi ensinado para poder passar sempre o melhor pro LH.

P: O que você acha desses novos arranjos familiares que tem surgido?

C: Por exemplo, de homossexuais?... Nossa, eu não concordo. Acredito que família deve ser formada a partir de um casal, sempre, homem e mulher. E que esse tipo de distúrbios devem ser evitados a todo custo.

P: E como você lida com isso?

C: Eu não vou dizer pra você que eu acho normal, mas também eu não fico discriminando. Eu procuro tratar com naturalidade, mas sem deixar que isso influencie na vida do meu filho, na vida sexual dele. Eu não considero que sejam atitudes corretas, até porque a família se forma à base de um casal. O casal que vai se unir, e ter filhos. Se esse casal não pode ter filhos por meio natural, pra mim não é uma família correta, não deveria ser... Completa.

P: Como é sua rotina enquanto pai?

C: Como assim?

P: Você acorda... com relação ao seu filho, você acorda e o que voce faz com ele... Final de semana, por exemplo, é o tempo que você está mais com ele, que não tem faculdade... Como é a sua rotina?

C: Ultimamente, depois que eu comecei a fazer outra faculdade, a nossa rotina ficou um pouco pesada, então a gente tem que estudar muito, ta tendo que trabalhar muito, então quase eu não estou tendo muito tempo de ficar assim, descansado... brincando com ele. Mas sempre que eu posso, o tempo que eu tenho de folga, eu procuro passar com ele. Eu procuro brincar com ele, fazer alguma coisa diferente, as vezes saio com ele pra algum lugar. Eu a D., as vezes, vamos a casa do meu pai, na casa da mãe dela. A gente procura fazer quase tudo junto, sempre os três. Eu, ele e esposa.

P: E com quem você divide os cuidados com ele durante a semana?

C: Quando eu to trabalhando e não dá para eu ficar com ele a noite, as vezes ele fica com a minha mãe. Quando não dá para ficar com a minha mãe, ele fica com a avó dele, por parte de mãe, a dona S. E assim vai. Cada dia um cuida para que o outro possa fazer uma coisa que ta precisando. Trabalhar, ou estudar...

P: Pra finalizar, se auto-avalie em seu papel de pai.

C: Eu acho que eu sou um pai bom. Eu não vou valorar, dar uma nota, mas que eu posso ser muito melhor. A gente sempre pode melhorar, a gente nunca é bom o bastante pra que não tenha mais pra onde melhorar. A gente sempre pode ser melhor do que a gente é agora. Então eu acho que eu sou um bom pai, mas que eu posso melhorar e muito, com relação principalmente no tempo que eu tenho pro meu filho. Principalmente na questão de passar mais tempo com ele. Dividir mais o meu tempo com ele.

P: É isso! Muito obrigada.

ANEXO III

ENTREVISTA II

Entrevista concedida no dia 28/10/2008

- Sujeito da pesquisa: RCG - 33 ANOS – PROFESSOR – Trabalha manha e tarde – Católico (Nome fictício: Renato)
 - Esposa: FVSG – 28 ANOS – ESTUDANTE – Estuda a noite
 - Filha: MJSG – 1 ANO E 6 MESES

Renato tem 33 anos, é professor e pai de uma menina de 1 ano e 6 meses. MJ (filha de Renato nasceu prematura, ficou 15 dias na UTI e mais dois meses internada para poder aprender a mamar e a ganhar peso. Hoje MJ tem uma vida normal.

ENTREVISTA:

P: Como foi a gravidez da F., o planejamento?

R: No inicio a F. ficou internada com infecção. No caso ela é de 6 meses. Mais 22 dias até completar sete meses, até nascer a M.J. que foi de parto natural. Aí a MJ ficou 15 dias na UTI e mais quase dois meses no ALCOM (HRAS) para poder começar a mamar. Ela só poderia sair de lá quando estivesse alimentando por conta própria.

P: Foi uma gravidez planejada?

R: Foi uma gravidez planejada.

P: Depois de quanto tempo de relacionamento?

R: Depois de quatro anos de casamento

P: E como você participou da gravidez?

R: Como eu participei da gravidez?

P: É, a gravidez é um momento muito da mãe, de ter a barriga crescendo, de sentir o bebê mexendo.

R: Participei indo às consultas, participei das ecografias. Essa foi minha participação. E planejei muitas coisas... Ver o que queria fazer onde iria colocar, ver o quarto. Quem decide mesmo é a mãe. Pai só é mesmo para dar forças, ajudar em algumas coisas, mas quem realmente quem faz as coisas é a mãe.

P: Em qual momento você sentiu que já era pai, que a ficha caiu?

R: Desde quando fiquei sabendo que a F. estava grávida. Sentia, mesmo não tendo nada palpável, mais já me sentia.

P: Fez algum curso preparatório para a chegada do bebê?

R: Não, não participei. Não porque a MJ nasceu antes. Planejamos algumas coisas, mais infelizmente não deu para fazer em função dela ter nascido antes do tempo.

P: E quando ela era bebê, recém nascida, como foi sua participação nos cuidados com ela?

R: No início, mais hospital foi a experiência do hospital. Eu só podia ir lá no horário de visitas, eu não tinha outro contato. Quem fica é a mãe, eu ia lá só no horário de visitar e só pegava ela no colo e ela só dormia. Quando ela veio para casa aí sim que pude ter aquele contato de pai mesmo, de filha. Pegar mais, participar, saber qual momento que a neném está chorando, pegar ela no colo. Particpei mais quando ela veio pra casa.

P: E os cuidados básicos de dar banho, trocar fraldas, colocar para arrotar?

R: Minha participação foi mais quando MJ veio realmente pra casa, pegava ela no colo.

P: Banho?

R: Banho eu vim a dar depois, quando a MJ já tava maiorzinha, no início não dei banho nela não. Não porque tinha receio... Ela precisou ter muito cuidado, então geralmente quem dava banho era a madrinha, a avó, a B. Mas eu mesmo ficava mais só era observando.

P: Ajudava assim, a pegar o xampu, a toalha.

R: Quando estava eu e a F. sim, no início tinha muitas pessoas para ajudar a gente. Dessa parte aí eu fiz pouco. Fiz mais pra frente quando B. estava mais confiante com a MJ, já estava mais espertinha eu comecei a participar mais desse outro lado.

P: E como foi o primeiro banho, foi tranqüilo?

R: Foi tranqüilo, não tive problema não.

P: Ela tinha quanto tempo?

R: A MJ quando dei o primeiro banho? Ela já estava com oito meses. Trocar a fralda eu troquei antes. Comida, ela veio comer agora depois de um ano. Mais sempre quem dá mais é a F. Hoje como a F. está estudando que eu comecei a dar mais.

P: Porque a F. dava mais?

R: Porque a F. tem mais contato com ela, eu trabalho o dia todo. Tinha o horário do almoço, eu queria mais era almoçar, descansar. Ficava cansado, ficava a noite toda acordado, e quem fica com ela era a F. mesmo.

P: Como são seus horários de trabalho?

R: Manhã e tarde, 4 horas de manhã e 4 horas à tarde. Venho em casa só para almoçar.

P: E a F?

R: E a F... Ela começou agora. A F. sempre ficou com a MJ. No início o tempo todo. E veio estudar agora, a MJ com um ano e cinco meses. A F. sempre esteve muito com a MJ.

P: O que mudou na sua vida depois da gravidez?

R: Ah... Mudou tudo. Mudou tudo, porque assim... é diferente. Você não pensa mais só em você ou na sua esposa, só na sua alegria. Você tem que pensar em uma terceira pessoa. Tem coisas que a gente pensava em fazer e não fazia, porque hoje não é possível ou porque a F. tava grávida. Não tem como fazer as coisas que você quer. Minha vida mudou bastante, não tem mais aquela questão, ah vamos sair. Não. Sempre primeiro é pensar em ficar com a MJ né. (papa, papa, papa... ou gatinha. Mamã? Mamãe ta estudando.) Pra mim mudou tudo. E não tem como pensar só na gente, agora tem a MJ. Antes de sair, ver onde é que vai, com quem vai deixar a ML. Já não saía muito, agora mesmo que eu não saio. Então mudou tudo. Antes eu falava, ah vamos ali, vamos fazer isso, nada tem mais. Ah vamos sair agora, debaixo de chuva, não. Sempre tem mais essa atenção. Sempre a questão da MJ né, então mudou

bastante. Algumas coisas que eu gosto de fazer como jogar futebol, hoje em dia já não dá mais. Não que eu não tenha vontade. Eu tenho vontade. Às vezes eu quero sair, não só esta questão do futebol... Mas penso primeiro nela.

P: Como tem sido seus lazeres então?

R: Sempre com ela. Assim organiza, sempre é os três. Vai ao shopping, vai os três. Vai a algum lugar, vão os três. Agora, é que a gente começou a deixa ela. A gente foi em duas festas e a gente deixou a MJ com a madrinha dela. A gente foi. Na primeira, bastante assim, fiquei muito preocupado, né? Como é que vai ser... Se tá mamando, se tá bem, se não tá. Ficava ligando. Mas aos poucos vai relaxando mais. Não eu, mas a F é mais preocupada do que eu, eu sou mais tranqüilo com estas coisas. Se eu deixar a MJ com alguém eu não vou ficar ligando e me preocupando se está tudo bem.

P: Mas também você deixa a MJ é com alguém que você confia, né?

R: É. Mas a F... Mãe é diferente, né? Mãe já fica mais naquela de... A F. fica mais preocupada. Como é que tá... Às vezes liga, e aí ta tudo bem? Pra saber ta tudo bem mesmo... Se comeu...

P: E o que é ser pai para você? Defina pai.

R: Pai? Pra mim... Definição eu não sei. Pai é preocupação, carinho e é gostar de ser pai. Porque se a gente for analisar assim não é fácil. Pai se passa... Tudo começa a ficar em segundo plano... Ficar em segundo plano da esposa... Tem que ficar em segundo plano da filha... O pai fica para quando der... Então eu acho que pai é paciência né. Defino pai como paciência.

P: Você se sente este pai? Paciente?

R: Às vezes sim e às vezes não. Depende... assim... Na maioria do tempo sim, mas as vezes a gente ta um pouco estressado, a gente trabalha... Às vezes dá aquela estressada, né? Da aquela... Explode. Pô, o que que está acontecendo? Às vezes você quer se divertir. Passa a semana toda trabalhando, aí tem uma semana conturbada, aí não tem aquela paciência dentro de casa. Neném ta chorando, às vezes quer passear, não pode passear, não pode (...). Às vezes o que falta é paciência mesmo. Na maior parte do tempo eu acredito que eu seja paciente, não tenho certeza não, mas acredito que eu sou paciente. A gente tem que ter paciência em todo momento. Menino é diferente... Assim, chora para querer as coisas... e você ta ali, tentando ter paciência... Então às vezes é assim... Defino pai como paciente.

P: E pra educar?

R: Pra educar é mais difícil. Porque são criações diferentes... né? A mãe, às vezes tem uma criação, o pai tem outra. Então têm que ter uma conversa muito boa entre os dois. Porque geralmente a mãe quer seguir a educação que ela teve da sua família e o pai quer seguir a educação que teve da família do pai.

P: E você, enquanto pai, em quem que você se inspira para educar a MJ?

R: Ah, eu me inspiro em muita gente... Eu me inspiro no meu pai, eu me inspiro na minha mãe... Em alguns... Algumas mensagens, algumas histórias. Então eu tento me inspirar em várias coisas, eu não fico fechado só na criação que eu tive, eu me inspiro em várias coisas. Por exemplo, meu pai foi que me bateu muito, a minha mãe não me bateu. Ela era mais de conversar, já meu pai não era de conversar. Então assim, eu acredito que bater não adianta, você conversa. Só que eu acredito na palmada. Uma palmada bem dada eu acredito, mas não em bater. Hoje eu aprendo em várias coisas, eu leio livro, leio uma mensagem, uma

reportagem que passa na televisão e tento filtrar o que eu acho que seja bom para a minha filha. Eu educo em cima disso. Educação, hoje em dia, mudou muito. A cada tempo que passa a evolução, as coisas estão mudando, as crianças estão mais espertas. Então não adiante você fechar na educação, a educação é uma coisa constante. Hoje em dia o que falta de educação há um tempo atrás não era ou era falta de educação... Igual, hoje em dia a gente não chama mais velho de senhor, aquele respeito. Hoje em dia chama pelo nome só. Você chama João, Joaquim. Antes era com 'Seu', com respeito. Que o "seu" significava respeito, hoje em dia não significa. Então a educação ta modernizando, eu tento acompanhar, não sei se consigo, mas eu tento ligar a modernidade com a educação.

P: Comparando a sua infância com estas transformações culturais que têm ocorrido, você acha que isso vai influenciar na educação que você pretende dar pra MJ?

R: Claro que vai. Hoje em dia é realidade que tem homossexual. Daqui há algum tempo, com certeza, vai ter casais que vão adotar filho e eu tenho que ensinar para minha filha que ela não pode discriminar. Tem que respeitar... Mesmo que eu não aceite, tem que ensinar a questão do respeito. E a educação vai mudar... Eu acredito na educação constante. Estar você sempre falando, sempre educando, sempre mostrando...

P: E também se adaptando né?

R: É, e também se adaptando, que é o mais difícil. Porque geralmente você foi criado em padrões e por mais que você tente fugir, vira e mexe você acaba se pegando naquele padrão. Por mais que eu fuja, você se vê naquele padrão, preso naquele padrão.

P: É um padrão que deu certo também, né?

R: Ah, não sei se deu... Assim... Deu certo comigo, mas não deu certo com outro. São vivências diferentes. Igual hoje em dia é... A avó participa mais, antigamente não, a mãe se virava. Hoje em dia não, avó já está mais participativa... Eu tenho a visão de que, o que a avó não pode fazer pro filho, ela quer fazer para o neto. A avó está mais paciente com o filho, enquanto os pais às vezes não tá... Às vezes o que a mãe (...) o que a avó fazia com (...) a mãe fazia com a gente, hoje em dia não faz com o neto... É uma mudança muito grande, muito drástica. E não sei realmente, se dá para a gente mudar assim. Deu certo ontem? Deu. Hoje pode não dar certo. O que deu certo comigo, não deu certo com outro. Quer dizer, eu apanhei e deu certo, com outro deu errado. Minha mãe conversou comigo, sempre minha amiga. Deu certo. Outras mães, outros pais conversam com os filhos e às vezes não dá certo. Então você tem que... É o dia-a-dia ali, é o convívio, é a convivência. E eu acredito que a família é base de tudo, na família, pelo menos, a educação fica mais fácil...

P: O que é família?

R: Família é... Aí eu vou pro lado tradicional. É pai, é mãe... Entendeu, é avó, é tia, é tio, é padrinho ou madrinha, são os irmãos da gente. Isso é família, você às vezes se reunir no domingo, se reunir no final de semana, natal, ano novo, e tá ali a família realmente feliz, né? Conversar, ter diálogo, brincar... As pessoas entenderem os defeitos do outro. Por que em família, todo mundo tem defeito e você acaba aceitando o defeito do outro em função de ser família. Não porque você gostaria de aceitar, mas ali na família tem este tipo de convívio. Se você não tem este convívio, você não aceita.

P: Você acha que a sociedade percebe a família do mesmo jeito que você percebe?

R: Não. Eu acredito que não. Cada um tem uma percepção de família diferente. Eu tava até discutindo... O padre diz que ele acredita muito porque ele foi criado sozinho... E é um coisa que eu discordo do padre, eu não vejo que criar o filho sozinho é a solução. Isso, na minha

visão, tá fora da visão de família. Esse padrão tá furado. Eu acredito que esteja furado. A pessoa sozinha... A criança não tem o que ela precisa ter... A percepção da mãe, a percepção do pai... Porque cada pessoa tem um jeito diferente. Então, se o filho tem contato com o avô, o avô vai ensinar algumas coisas para ele. A mãe vai ensinar coisas de mulher ou vai dar o padrão feminino, ou se ela for masculinizada, ela vai dar masculinizado... Cada mãe tem um padrão. E quem observa... A criança no caso que observa, ela tira as coisas que é proveitosa para ela. A gente tenta passar a melhor coisa, mas se ela não tirar nada, eu só vou passar o meu pior defeito para ela, porque ela só vai enxergar o que ela quer... Quem enxerga é que está sendo educado e eu acredito que estou educando, mas não estou educando nada. O que realmente se educa é o seu exemplo, o que você está fazendo. Às vezes você tem uma fala bonita, mas a criança não aproveitou nada.

P: E como você se sente com isso? Que você pensa que está educando, mas no fundo não está educando? Você não acha meio frustrante não?

R: Não. Eu cheguei a conclusão que a gente tá criando a criança pro mundo. A gente tenta proteger, tudo, mas o mundo lá fora vai bater na criança. Hoje é criança, amanhã vai ser adulto e no mundo lá fora vai ter que se virar. Quando eu perdi o meu pai e minha mãe, eu era um filho totalmente ligado a minha mãe, que eu era junto com minha mãe morava com minha mãe, tudo era minha mãe... Então parte financeira, amizade, era tudo com minha mãe. De repente você se vê, e que você não tem nada. E aí, você vai fazer o que? Vai pode fazer nada, vai ter que se virar.

P: Você perdeu o seu pai com quantos anos?

R: Quantos anos eu tinha? Eu tinha 27, 28 anos.

P: Os dois foram no mesmo ano?

R: Não, foi cinco anos depois, meu pai. Então, você vê que... Eu não acho frustrante. Você busca, cria e você tem que ver se conseguiu passar o melhor. A gente só vai tentar. Vai tentar educar ele no que é certo, o que você acredita que é certo. E às vezes você não vai conseguir. É um risco que você está tendo. Você põe no mundo, você vai tentar educar, mas ele pode ser totalmente diferente de você. E aí, você vai fazer o que? Nada... entender e até mudar o fato. Ou então ter reações, endurecer... Ser mole demais. Isso aí só a situação que vai dizer. Não tem como a gente analisar. Ainda mais mãe... Mãe perdoa mais, o pai já é mais duro. O pai às vezes fala: sou flexível. Mas o pai tem uma dureza no coração que permite isso. Então eu vejo desta forma. Não acho frustrante não. É o mundo, o mundo é assim.

P: E quais os valores que você pretende passar para a MJ?

R: Valores? Valores... Honestidade, de amor, de perdão. Esses valores que eu tento passar. Não sei vou conseguir. Por que primeiro você tem que pregar... Tem que viver estes valores. Por exemplo, eu não gostaria que a minha filha bebesse. Eu não bebo. Mas ela pode beber? Pode. Eu acho errado. Eu nunca roubei nem matei, desejo passar isso pra ela. O Perdão? Perdoar às vezes as pessoas que te fazem mal. Será que eu vou conseguir passar isso pra ela? Eu tenho que fazer, senão, eu não vou conseguir. Esses são os principais: amor, perdoar, fé, ser honesto. São esses valores que eu vou tentar passar.

P: Teria alguma coisa que seu pai ou sua mãe fez ou falou que você gostaria de fazer com a MJ?

R: Não. Eu agradeço muito a educação que tive dos meus pais, mas não teve nada não. Meus pais foram sempre de dar muito exemplos. Mas falar mesmo, meu pai mesmo não. Minha

mãe, a gente convivia mais ela não era de falar as coisas não... O pai tem que ser assim mais firme.

P: Teria alguma coisa que seu pai ou sua mãe não fez ou não falou que você gostaria de fazer com a MJ?

R: Ah... O que não fez foi abraçar, falar que ama. O pessoal antigo eu até entendo que era mais rígido, mais duro. Mas abraço do meu pai eu nunca tive. Eu já dei abraço nele, mais ele nunca chegou me abraçou, nunca me deu um beijo, nunca falou eu te amo. Mas eu já falei isso para o meu pai. A mesma coisa com a minha mãe, ela nunca me abraçou. Eu já abracei, brincava, pegava ela no colo. Mas era eu que fazia isso, meu pai e minha mãe não faziam isso.

P: E você quer fazer isso pra sua filha?

R: Sim. Quero abraçar, falar que amo... São coisas que eu gostaria de fazer, porém, faço hoje enquanto ela é pequena. Não sei se tive isso quando eu era pequeno. Só que quando vai crescendo é diferente. Ainda mais adolescente...

P: Você quer ter mais filhos?

R: Sim.

P: Quantos?

R: Hoje eu penso em um. Antes eu pensava em quatro, mas hoje só penso em um.

P: Porquê?

R: Ah, questão mesmo do mundo. Essa questão da criação, questão da educação. Não é questão financeira, é mais questão do mundo mesmo. Da educação, da qualidade de vida que você quer dar para o seu filho. Se fosse questão de amor, de afeto, de carinho dava para ter uns dez. Mas a questão do mundo hoje, infelizmente não permite a gente ter muitos filhos. É bom, é ótimo, mais tem todos os percalços da vida que te atropela. Você acaba pensando vai viver? Vai. Vai se virar? Vai. Mas você não vai dar a mesma atenção pro seu filho que você poderia dar.

P: E a questão da sexualidade. Você acha que mudou sua vida sexual depois do nascimento da MJ?

R: Não. Não vejo diferença não.

P: Agora que tem a questão do filho, de ter que dar mais atenção a ele.

R: Pai é como eu te falei, é ter paciência. Tem que entender mais, que é diferente. Igual eu falei, a neném quer mamar, você vai fazer o que? Vai dar prioridade ao sexo ao invés da sua filha mamar? Vai deixar sua filha chorar só para fazer sexo? Eu acho que é essa coisa, por isso, defino pai como paciência. Acho que o sexo não mudou, continua a mesma coisa. Agora se você falar assim, de intensidade, de frequência, aí sim até pode ser que mude né?! Mais fora isso, não.

P: Você disse que hoje em dia muita gente ajuda a educar, avó, tia, madrinha. Mas qual é a importância do pai na educação?

R: A função dos pais eu vejo que é a principal, os pais têm que conversar bastante. Muita gente ajuda, mas pai e mãe têm que ser a base. Ajuda sim, mas quando você vê que as pessoas estão educando sua filha de uma forma que você acha errado, a gente tem obrigação de interferir independente do que aconteça, se vão gostar ou não vai gostar. Mais o pai e a mãe é

pai e mãe e acabou. As pessoas podem ser ótimas e tudo, mas o pai e a mãe na educação da criança tem que identificar o que é certo e o que é errado para o seu filho.

P: Você percebe diferenças no educar, se compararmos pai e mãe?

R: Sim, percebo. A mãe... A mãe é a mais carinhosa, mãe já é mais atenciosa, mãe tem mais percepção. Percepção melhor quando a criança está chorando por algum motivo, de birra ou quando está doente. O pai não tem tanto essa percepção, não sei porquê. Talvez por não ter o filho tão próximo... Então eu vejo essas diferenças. Mãe sempre está ali, é mais carinhosa. Vejo que a F. é mais carinhosa, se dá mais para a criança nesse período. Então o pai não se (...) coisas que o pai não faz (...) O pai não. Por mais que ele tente, ele brinca e tudo, mais ele não tem aquela coisa... Eu particularmente não sei explicar. Igual, vamos supor, quando a criança está com dengue, o pai agüenta ver o filho chorando e não vai pegar. A mãe pode deixar chorar por um tempo, mais logo vai ver o que é, ela quer explicar, quer conversar né. Então eu vejo essa diferença.

P: Atrapalha isso?

R: Atrapalha, claro que atrapalha... A criança tem que ter um exemplo. Então, o exemplo tem que partir dos dois. Se a criança percebe que um age diferente do outro aí (...) quando, por exemplo, a criança quer tomar alguma coisa gelada, tipo: “mãe vou tomar refrigerante, vou tomar água gelada” e a mãe diz: “não por que você está gripado”. Aí vem o pai e diz, “Não, deixa a criança tomar água gelada”. Tem que aprender se quer tomar água gelada, ele vai tomar água gelada. Não vai tomar água quente porque ta gripado... Tem que ter esse trabalho em comum... Essas percepções são diferentes né.

P: São culturas familiares diferentes, cada família possui uma cultura. Até pai e mãe conseguirem casar isso, para formar uma nova cultura...

R: É complicado, se não tiver muito diálogo fica complicado. Ah, às vezes atrapalha muito, ter muito diálogo, muita conversa... Se ver e saber o que é correto, porque (...) o que é certo agora. Vocês são uma nova família, apesar de ter a cultura da mãe e a cultura do pai, tem que ver o que vão seguir, ou se vão criar um novo sistema de se educar. Você tem que estar aberto a várias coisas. É por isso que é complicado.

P: Como é sua rotina enquanto pai?

R: Geral ou hoje?

P: No geral.

R: No geral... No início era mais a F. Eu passo o dia todo fora, quando chego na hora do almoço dou um abraço, dou um beijo na MJ. E vou almoçar, não fico tão próximo assim, não tiro aquele horário do almoço todinho pra ficar com a MJ, não. Dou um tempinho pra ela, aí almoço, brinco... e quero descansar. Aí quando chega a noite minha atenção é pra ela. Eu brinco, faço mais as vontades dela, vejo o que ela está querendo, passeio, saio com ela. Então à noite tenho mais tempo para a MJ. Então assim, eu não me importo se tenho que sair ficar até mais tarde, sair pra rua pra onde for. Quer brincar, então vamos brincar. Uma coisa que eu acho é que tem que ter horário pra tudo, criança tem que ter horário, tem que ter rotina... Já melhorei muito... Então os horários pra dar banho... Às vezes chego tão casado do trabalho, mas a F. diz: “ah eu fico com a neném”. Então quer dizer tenho uma intensidade grande de trabalho, então ainda chego em casa... O trabalho da F. as vezes é maior, as vezes ela está até mais estressada do que eu. Só que as vezes eu acho que estou mais cansado do que ela por causa do trabalho. Mas mesmo assim eu fico com a MJ, estou cansado e tudo mais às vezes eu fico com ela.

P: Quem cuida da MJ durante o dia?

R: Hoje em dia a MJ fica umas três horas com a avó dela. MJ fica com a madrinha dela, com a avó dela. Não é aquela coisa definitiva, marcada não. De segunda a sexta quem fica mais é a F. Agora, nesse período que ela está estudando eu fico mais com a MJ... Nos finais de semana.

P: E o que você está achando de ficar mais tempo com ela?

R: Eu acho ótimo. Porque assim, eu educo ela do meu jeito, algumas coisas que a mãe deixa ela fazer eu já não deixo. Então eu vou mudando algumas coisas. Então eu acho ótimo, não vejo problema nenhum, gosto muito de ficar com a MJ até porque essa é uma proximidade de pai e eu acho legal, acho bacana ficar com ela. Gosto muito de ficar com ela, não vejo nenhum problema. Então assim, se a F. quiser continuar estudando e eu ficar com ela a noite, tranquilo. É o que te falei, agente às vezes é uma necessidade nossa (...)

P: A noite a MJ fica esperando a F. para poder dormir?

R: Não, até porque a F. passa o dia todo com ela né. Então no horário da manhã dorme, com a F. ou sem a F. À tarde ela também dorme com a F. ou sem a F. então a noite é a mesma coisa, ela não precisa estar com a F. para dormir. Inclusive ela dorme melhor comigo do que com a F. porque eu realmente ponho a MJ pra dormir. A F. não, às vezes ela quer fazer um carinho, vai deitar, ainda tem a questão do peito. E ela as vezes não quer dormir, quer ficar ali com a mãe dela. Já comigo não, ela dorme mais rápido.

P: Se auto-avaliar em seu papel de pai.

R: Me auto-avaliar, tem que dar nota ou não?

P: Não, só se você quiser. Nota é muito objetivo.

R: Assim, eu me dou a nota sete sabe, um sete fraco não é um sete forte não, caindo pra seis. Assim, tem amor, tem carinho, tem atenção, mais falta àquela percepção do dia a dia, falta ter aquela percepção do que a criança quer, algumas coisas que ela está sentindo. Às vezes sou desatento a essas coisas, ao que ela quer. Ainda sou desatento a algumas coisas, então isso impede assim que eu tenha um bom relacionamento de pai. Então assim, eu me considero um sete fraco para algumas coisas. Não é porque eu quero, às vezes eu quero... Então na minha avaliação eu sou um bom pai, um pai sete, sete fraco né. Mais tenho que melhorar em várias questões, a gente fica assim preocupado com os detalhes, mais na hora “H” mesmo que a coisa pega... Você achar a melhor forma de educar (...) A MJ não foi fácil né, desde o dia que ela nasceu, ela exigiu uma atenção mais detalhada, nunca foi fácil para gente. Teve a questão do hospital, quando chegou em casa teve aquela pressão toda, ela dormia com a gente, tinha que colocar ela em pé por causa do refluxo. Aí depois a gente começou a colocar ela no berço, ela ainda não dorme a noite toda... É isso, mais eu acho que é da rotina...

ANEXO IV

ENTREVISTA III

Entrevista concedida no dia 30/10/2008

- Sujeito da pesquisa: D.F.S. – 28 ANOS – FISIOTERAPEUTA – ESPÍRITA.
(Nome fictício: Diego)
- Esposa: I.C.S.F. – 21 ANOS – ESTUDANTE.
- Filha: G.D.F.F.S. – 2 MESES (26/08/08).

Diego tem 28 anos, é fisioterapeuta e pai de uma menina de dois meses de idade. Não participou na gravidez, pois não tinha certeza se a filha era dele. Com dois dias de nascida, fizeram o teste de DNA, onde foi confirmada a paternidade. Passou o primeiro mês com a filha, e hoje ele participa de longe (ele mora em Brasília e a filha em Minas Gerais) e a visita mensalmente.

ENTREVISTA:

P: Como foi a gravidez? Foi uma gravidez planejada?

D: (risos) Não. Na verdade eu não participei da gravidez não.

P: Não participou de nada?

D: Participei um pouco, só do final. Nos últimos meses, eu ia e conversava muito com ela. Mas no começo, durante a maior parte da gravidez eu não participei não.

P: Como você se sente, não tendo participado?

D: Hoje em dia que eu sei que a filha é minha, que é minha filha pela situação que aconteceu antes, hoje eu fico contrariado. Acho que eu queria ter participado junto né. Porque a situação que aconteceu foi a seguinte. Eu e ela... Ela estava grávida, nós terminamos e nenhum de nós dois sabia. Aí nos brigamos feio mesmo, aí teve um dia, no centro da cidade assim, eu encontrei ela de mão dadas com outro rapaz, parece que ela ficou uma vez com esse rapaz, mas que não aconteceu nada entre os dois né, foi o que ela me disse. Aí, eu peguei e perguntei: “como é que você vai me provar isso, que esse filho não é dele”, né? Aí eu peguei e falei: “então, quando ele nascer, depois do dna a gente conversa”.

P: Até então você morava em Minas?

D: Eu morava em Minas, e ela veio falar que estava grávida de mim.

P: Mas você não acompanhava, não via, nem conversava com ela?

D: Não. Parei, porque eu fiquei nervoso por causa da situação. E ela vinha falar duas semanas depois, que tava grávida de mim, sendo que eu tinha saído e visto ela no centro da cidade de mão dada com outro. Uma semana depois que a gente terminou.

P: Como você sentiu? Qual foi sua reação quando ela falou que estava grávida?

D: Eu não acredite nela não. Ai eu peguei e falei, quando fizer o DNA. Porque eu não acredito não. Aí eu falei com ela: “se você tivesse me amado do jeito que tinha falado você não teria

ficado com outra pessoa em uma semana”. Ela disse: “não, mas eu fiquei com ele a gente não foi pra cama, não aconteceu nada”. Eu disse: “então você me prova com o DNA”.

P: Fizeram o DNA depois de quanto tempo?

D: Fizemos o DNA depois do segundo dia de vida dela. Porque no dia que ela nasceu eles me ligaram na mesma hora e falou: “D. você tem que ir lá vê ela, pra você ver o jeito que é ela”. Quando cheguei eu já dei a certeza, falei: “nossa não precisava nem de ter feito”, mas eu falei: “não eu quero DNA para não dar conversa”. Aí eu fiz o teste de DNA e deu positivo (risos).

P: E como você sentiu quando soube que ia ser pai, que o teste havia dado positivo.

D: Na verdade eu descobri que era pai mesmo há dois meses.

P: É, quando ela nasceu. E como você se sentiu?

D: Eu fiquei feliz, por que eu era doido para ter uma criança, só que a minha criança que eu queria era com planejamento, não era assim... Entende? Eu queria acompanhar toda a gravidez, o que acontecia, acordar de noite. Eu queria aquilo tudo sabe. Eu queria mesmo, agora com os próximos serão assim (risos)...

P: Depois de quanto tempo de relacionamento que a I. engravidou?

D: Dois anos e meio

P: Como é a sua participação hoje nos cuidados com o bebê?

D: Olha, no primeiro mês todinho eu fiquei junto, já dei banho, trocava fralda, acordava de noite quando ela ia amamentar, eu tava lá do lado, enquanto ela amamentava. Fiquei o tempo todinho mesmo, no primeiro mês. Aí depois eu vim embora pra cá (Brasília), agora a minha ajuda tá sendo da parte financeira, tudo que precisa, eu to ajudando e to arrumando a casa aqui.

P: Você tem contato, liga?

D: Todos os dias eu vejo. Todo dia pelo computador eu vejo ela, de manhã um pouquinho de tarde e de noite.

P: Eita como você está babão heim!?

D: (risos)

P: Depois que você teve certeza que a filha era realmente sua, você começou a ler mais sobre bebês, a se informar?

D: Com certeza. Iiihhh... Eu, eu ligava e dizia: “olha você sabe disso?” Comecei a conversar com outras mães, pegar dicas. Ligar pra ela e contar: “oh, conversei com tal pessoa e ela me falou isso, isso e isso, não sei se é verdade, tenta pra vê se dá certo”.

P: E como foi pra você, o tempo em que ficou com ela?

D: Como foi? Nossa, foi bom demais. Eu dava banho quase todo dia nela, até mesmo para a mãe descansar. Na primeira vez eu fiquei bem receoso, só um pouco de receio, porque eu já tinha costume de atender crianças com pneumonia. Então, eu já peguei criancinha de um mês com pneumonia, então eu já tinha uma certa facilidade de pegar a criança, lidar com criança. Então não foi muito difícil não (risos)

P: Acordava muito de madrugada?

D: Você acredita que eu estava assim... Tão deslumbrado, com aquela surpresa toda que eu nem me importei, que eu acordava quase toda hora mesmo quando ela não chorava e não acontecia nada. Eu acordava sem ver, ia lá sozinho e olhava ela. Sério mesmo, não precisava nem de chorar que eu acordava.

P: E a mãe dormia?

D: E a mãe dormia, ela ficava muito cansada.

P: E o parto foi normal ou cesárea?

D: Na verdade eles me contaram eu fui lá, antes do parto dela, no dia anterior da noite que ela passou mal, fui no hospital. Eu que fui junto no hospital. Só que na verdade eu tava meio querendo acreditar nela só que não acreditava. Então, eu tinha medo de às vezes eu ter uma surpresa negativa né. Na verdade eu não assisti com medo de ter uma surpresa negativa, aí depois que nasceu (...)

P: Qual foi o momento em que caiu a ficha de que você realmente era pai?

D: (Silêncio)

P: Ou ainda não caiu a ficha?

D: Eu não sei te contar isso, sério mesmo. Na verdade tem pouco tempo que a ficha caiu mesmo. Tá caindo ainda.

P: O que mudou na sua vida depois que ela nasceu?

D: Eu já passei a enxergar uns tipos de coisa que eu nem dava atenção. Como por exemplo, antigamente eu era solteiro, não tinha filho, não tinha nada. Eu tomava a minha cerveja, saía, não tinha aquele compromisso, aquela coisa. Até parei de sair, não tem mais aquela coisa de sair para tomar aquela cerveja.

P: Parou de sair só por conta dela?

D: Foi. Eu parei porque pra mim também eu não sei. Às vezes ela pode precisar de algo urgente eu tenho que ter algo para ajudar minha filha. Então eu parei com essas coisas, eu viajava muito pra descanso, essas coisas. Hoje em dia eu tô mais centrado, não dá muito tempo pra essas coisas. Mas eu acho que mudei muitas coisas até mesmo os amigos me ligavam e diziam: “Ah, vamos sair tal”. Não. Parei com aquilo tudo, passei mais a observar crianças coisa que eu não fazia tanto. Crianzinha de um, crianzinha de outro, passei mesmo. Hoje passo em loja e vejo roupinha e fico doido pra comprar, aí penso, não, ainda não tá na hora.

P: Você tem ido pra Minas?

D: Então, eu vou ver se vou uma vez por mês até eu conseguir uma casa aqui. Hoje eu já tenho uma casa para eu olhar. Esse mês eu fui, estou indo agora no mês de novembro de novo.

P: O que é ser pai para você?

D: Nossa... O que é ser pai? Nossa, tem que ter muita responsabilidade né? Ser muito responsável. Por que a partir do momento que você é pai, muda a visão de tudo. Você tem que ter uma responsabilidade com sua filha, com seu filho. Cê passa a pensar... Por exemplo, eu já penso na educação, eu já penso nas necessidades, eu penso até em medicamento mesmo antes de acontecer, entendeu? Então eu acho que ser pai é ter muita responsabilidade e amor também, presença. Coisa que eu ainda não tô tendo, mas que eu vou ter dentro de pouco tempo (risos)...

P: Como você se sente sendo pai?

D: Ah, feliz demais. E ainda quero mais (risos)

P: Quer mais filhos?

D: Quero.

P: Quer mais quantos?

D: Ah... Mais uns dois, sei lá. Um geminho seria bom. Eu quero. Tenho vontade de ter menino, menina (risos), vontade de ter os dois. Uns três filhinhos acho de bom tamanho. Na minha família têm muito gêmeos. Eu tenho irmão gêmeo. Meus irmãos têm gêmeos, tenho primos gêmeos. Então é uma família de gêmeos.

P: Pra educar, em quem você irá se inspirar?

D: Meu pai. Um bom exemplo de educação, nossa... Meu pai assim... Eu vou me espelhar nele na parte de diálogo. Eu pretendo modificar algumas coisas, lógico, que eu via talvez não como certo por meu pai ter sido muito duro, mas eu quero assim... Quanto à educação o meu pai me ensinou a trabalhar desde cedo, ensinou eu ter as minhas responsabilidades desde os meus onze anos de idade, depois disso nunca mais precisei de nada de dentro de casa, entendeu? Então eu quero ensinar pra ela também várias coisas que o meu pai me passou. Com certeza.

P: Qual foi a melhor lembrança que você teve da sua infância?

D: (silêncio)... Da minha infância? (silêncio)...

P: Algum momento com o seu pai.

D:... Com o meu pai. Engraçado eu não tive momentos com o meu pai... Meu pai nunca pegou uma bola, pois no chão e jogou comigo ou com meu irmão. Nunca, nada desse tipo de coisa aconteceu, que me pai era muito... Muito na dele... Nunca, nunca. Não me lembro do meu pai brincando comigo nenhuma vez na vida. Meu pai levava muito a gente pra encontros sociais...

P: Você tem quantos irmãos?

D: Eu, meu irmão gêmeo, e quatro por parte de pai. Ele é casado duas vezes. Mas... Com a minha mãe... Eu também não lembro momentos assim não. Eu não tenho lembranças com meu pai nem com a minha mãe.

P: Tem muitos momentos ruins?

D: Ah tem. Meu pai chegava a bater que eu tenho até marcas hoje no corpo. Eu era muito sapeca também, mas quando ele apelava... Quando ele batia, batia pra valer. Eu tenho vergões aqui nas costas. Tomei surra na boca, do pai...

P: Antigamente as pessoas educavam muito assim.

D: É, meu pai educava a gente era batendo. Meu pai é daquela... É... Daquela... Ele era né, porque hoje em dia sou eu quem cuido dele e da minha mãe. Meu pai hoje é doente demais. Ele era daqueles assim... Dava bobeira com ele não, que ele batia mesmo.

P: Teve alguma coisa que seu pai fez ou falou que você gostaria de repetir com a sua filha?

D: Ah, quando ele agora... Antes dele adoecer, há poucos anos atrás uma coisa que eu gostei foi que a gente sentou e conversava assim de homem pra homem. Ele pegou e parece... Ele me dava assim... Com meu irmão ele já nunca teve isso. Comigo ele sentava e ele conseguia

conversar e se abrir comigo, coisa que ele nunca tinha feito há alguns anos atrás. Mas depois ele adoeceu e acabou... Eu tive um único momento com meu pai assim, uma única vez, só.

P: Então, o que você pretende passar pra sua filha é a conversa?

D: Com certeza, é a conversa de poder tá conversando, deixando tudo bem esclarecido pra ela né. Nessa questão eu quero ser bem sincero e eu quero que ela seja comigo. Não quero que ela me tenha somente como pai, mas como amigo também é importante.

P: E teve alguma coisa que seu pai não fez ou não falou que você gostaria de fazer?

D: Que ele não fez... Que eu gostaria de fazer? Esse negócio de... Por exemplo, eu quero acompanhar minha filha agora, desde esse momento e brincar com ela... Tá presente na vida dela... Desde os primeiros momentos, as brincadeiras... Coisas que nunca tive do meu pai. Mas isso eu quero fazer, quero brincar muito com ela, levar ela pra passear junto comigo, porque isso nunca aconteceu comigo não, e isso eu quero mudar, quero que minha filha seja totalmente diferente. Não tem essa... Que hoje em dia eu tenho uma certa magoa por causa disso, entendeu? Mas eu também era o jeito do meu pai, então eu respeito ele, eu via que aquele era o jeito dele.

P: Também deve ter sido algo que ele não recebeu.

D: O dele ainda foi pior ainda... Nessa parte o dele foi pior ainda. Que ele já pegava a enxada com oito anos de idade, e se não pegar era "coro". Ia pra cana, cortar cana. Então a infância dele foi bem (...) e comigo e com meu irmão, minhas irmãs, dizem hoje em dia que ele já foi muito pior... Muito pior... Pai colocava eu ajoelhado eu lembro, eu tinha o que... Uns cinco anos de idade eu lembro ainda disso. Colocava ajoelhado em milho...

P: E sua mãe nada fazia, a mulher era muito submissa né?

D: Ela não podia fazer, mais a mãe tentava fazer eu lembro... Mas o pai brigava com ela e ela ficava quieta, entendeu, e ela respeitava o pai.

P: Você quer dividir a educação com a mãe da sua filha?

D: Não eu já falei para ela... Quanto essa parte de bater não tá na minha... Isso eu não pretendo fazer não. (risos), pretendo conversar. Que não é maltratando, não é batendo, às vezes, que vai brigar, que você vai pegar respeito não. Acho que uma conversa vai ser melhor...

P: Quais são os valores que você pretende passar pra sua filha?

D: Risos... Deixa-me ver... Valores... Honestidade é um dos pontos, respeito ao que é do outro, respeito a si, ao próximo. Também ajudar né, o próximo no que puder, dentro de suas condições... Isso também é bom passar né (...) ensinar ela a ser carinhosa, a ser bem educada, não quero menino (risos)... Mal educado. Deixa eu ver, que mais... Eu creio que seja o básico né. Dá uma boa educação pra ela ne... Talvez eu possa, venha pensar em mais coisas com o tempo... Mas agora...

P: E os desafios de ser pai hoje?

D: Huum... Hoje em dia? Nossa... violência. Hoje em dia se você não tiver uma boa condição financeira não tem como você dá um bom estudo para o seu filho, a parte financeira eu acho que... Procurar um lugar que... Não sei... A violência tá em todo lugar né, acho que violência... Ter uma boa condição, um bom plano de saúde, às vezes acho que você pode passar apertado (...) nessa parte das dificuldades.

P: Comparando com sua infância, como as transformações culturais que têm acontecido hoje podem influenciar na educação que você pretende dar para sua filha?

D:... Nossa, na minha infância era diferente... Não era isso que hoje a gente vê, não... Hoje em dia não vou poder deixar minha filha sair pra rua, pra brincar tranqüilamente, sem ter ninguém ali do lado olhando o tempo todo, não vou poder deixar... Sei lá, eu saia, jogava futebol, ia pra outros lugares, meu pai ficava o tempo todo tranqüilo. Isso também de sair a noite, essas coisas assim... Hoje em dia não tem respeito, você olha pra uma pessoa... Aconteceu um caso muito ruim na minha família... Que teve um caso daqui dessa cidade mesmo, que ele assediou as minhas sobrinhas novinhas. Ele era praticamente casado com minha irmã, então eu tenho uma cisma com ele que você nem imagina. Hoje também vejo meninas tão novinhas, tão bonitas por ai... Por exemplo, conheci as amigas da minha sobrinha... Que são tão bonitas e não se dão valor nenhum. Vão pra essas festas de funk, essas coisas, dança, tiram umas fotos que você olha assim... Põem assim pra todo mundo ver... Que você olha assim, meu Deus. Esses dias conversei com a I. né. (risos) que é a mãe da minha filha né, e falei com ela: "Nossa eu já tô preocupado (risos), já tô preocupado... daqui há alguns anos você vai ver... inclusive essas meninas... sei lá... já pode pensar em gravidez, isso tudo já pode pensar... (risos)

P: Preocupa antes não, aproveita o momento, deixa para preocupar com essas coisas na hora devida.

D: Mas eu não sofro antes não. Agora, a I. sofre. Eu vou aproveitar.

P: Qual a importância do pai para educação dos filhos?

D: Depende do pai né (risos) que tem pai é preferível que ficasse era longe... É importante demais a figura masculina do pai na formação da criança, com certeza. Ela ter uma imagem masculina. Mas também há pais e pais né. Então há pais aí que às vezes seria melhor ele a distância do que próximo da formação do filho...

P: Por que você acha que importante para o filho a figura do pai?

D: Nossa, por exemplo... Eu tenho o exemplo mesmo do meu sobrinho, né, que ele... Sem pai né. O pai dele é daqui. Não tem contato nenhum e eu vejo que ele tem a necessidade tão grande de uma imagem masculina... Eu que to dentro da casa dele, por exemplo... Eu uso muito sapato, ele começou a usar sapato. Eu uso muito camisa de gola pólo, ele já quer que a mãe dele compre camisa de gola pólo, você tá entendendo?

P: Achou uma figura masculina para se espelhar né.

D: É, ele encontrou essa figura masculina. E antigamente uma outra pessoa que tava com a mãe dele, usava muita botina. Ele comprou uma botina. Você tá entendendo... Eu acho que... Não sei... Questão até... Eu acho que a figura masculina não é também desmerecendo a mulher, mas às vezes é vista também, até com mais respeito pelos filhos. Não entendo o porque... Não sei se é questão de (...) é importante com certeza, tanto a figura masculina como a feminina na formação. Eu acho que tem que ter, até mesmo na situação da sexualidade né. Na hora que chegar o momento do complexo de Édipo né, essas questões...

P: Tá entendido heim, sabe do que se trata o complexo de Édipo?

D: Eu estudei psicologia, as fases... (risos)

P: Você percebe diferenças no educar se compararmos pai e mãe?

D: Não sei, a mãe geralmente é mais carinhosa, ela é mais preocupada... Também depende, tudo depende há casos em que a mulher é mais durona e o homem é mais zen. Igual uma

amiga minha, o pai dela a casa pode tá caindo, pegando fogo e ele é capaz de ficar sentado rindo, e não fazer nada. E a mãe dela não, até o dinheiro do pai é a mãe dela quem controla. Você tá entendendo? E funciona, bem demais. E eu nem sei como eles vivem com tão pouco, sério mesmo, varias pessoas em uma casa sobrevivendo com 700, 800 reais.

P: O que é família?

D: Família é o alicerce. Alicerce de tudo. Alicerce para a educação, alicerce para esta parte psicológica da pessoa. Família é alicerce. Se você tiver uma família desestruturada, com certeza os filhos vão crescer com complexos, com várias dificuldades no convívio social. Isso aí eu vi, casos de família totalmente desestruturadas onde com certeza, Deus não me ouça, os filhos serão casos de cadeia né. Porque vê o pai batendo na mãe, vê uma briga, xinga, essas coisas. E a criança só vai crescer pensando o que? O que que ela vai ser? Não gosta de estudo, o pai não incentiva o estudo, então, uma família mal estruturada só tende a ter complicações. Com certeza a família é o alicerce, a base de tudo.

P: Você acha que a sociedade percebe a família do mesmo jeito que você?

D: Hum, hum. Na verdade a sociedade nem tem visto muito a família né. Hoje em dia a pessoa junta com a outra e não tá nem aí, hoje em dia não tem a base. Qualquer briguinta um vai prum lado o outro vai pro outro. Não tem aquela coisa de família, um mora na esquina do outro e nem sabe que o outro tá lá entendeu? Não tem mais aquele negocio de família, não tem. Por exemplo, eu mesmo morava a 800 quilômetros dos meus pais eu ia lá uma vez a cada dois, três meses, se eu fosse. Então, eu mesmo, toda minha vida fui desligado de família, toda minha vida eu fui desligado.

P: E o que você acha desses novos arranjos familiares? Como você lida com isso?

D: (risos) (...) O que que eu acho? Olha, eu não tenho preconceito nenhum, eu só acho que do mesmo jeito que eu os respeito, tudo bem, quer viver assim problema deles. Agora, contanto que não interfira no meu modo de ver e não interfira na minha pessoa (...) tudo bem, estou respeitando eu não tenho nada contra. Agora, contanto que não venha ferir minha dignidade, minha família, entendeu? Sejam felizes (risos)...

P: Como você acha que isso irá influenciar na educação que você quer dar para sua filha?

D: Isso com certeza ela vai passar, são coisas que antigamente a gente via como... Eu também não quero ensinar pra ela preconceito, essas coisas. Eu quero que ela tenha os conceitos dela formado, de acordo com a visão dela. Lógico, que bem explicado tudo dá certo (risos), mas...

P: Se auto-avalie em seu papel de pai

D: Me auto-avaliar? Ah, eu acho que poderia fazer mais, só que eu não faço muito porque eu acho que a mãe dela me priva. Eu acho que eu conseguiria fazer mais. Às vezes eu acho, não sei, sou muito assim, eu não gosto da coisa que tá boa, gosto da coisa ótima. Cê tá entendendo? Então, por exemplo, igual... eu estive lá em Minas chego lá às vezes... Algumas coisas assim... Até para dar mais conforto pra mãe, pra ela... Às vezes eu fico com vontade de pegar, de fazer um negócio e tal, mas às vezes... Eu tô aqui e não vejo, chego lá e vejo o que esta precisando e que ela não me fala, cê tá entendendo? Há coisas que eu poderia estar melhorando, até mesmo o conforto da mãe dela e dela, pras duas né? Por exemplo, estive lá da última vez, comprei banheira nova que eu vi que ela tava precisando, você tá entendendo? Essas coisas assim, essas partes eu acho que mais, eu acho que poderia dar mais... E também estar mais presente. Agora não tá bom essa coisa por causa da distância né. Eu também não tô gostando não. (risos)... Mas já to dando um jeito... Mas... Aos poucos. Poderia ser melhor isso

P: E quando ela mudar pra cá, o que você acha que vai mudar na sua vida?

D: Ah, eu vou ter o meu cantinho, um canto pra minha filha pra mãe dela. Eu não vou ter mais que ficar em casa... Porque por melhor que seja o tratamento em casa de parente não é igual ao seu cantinho né? Eu quero fazer meu cantinho, eu quero fazer o quartinho dela, tá entendendo? Quero meu canto, vai ser tudo totalmente diferente. Vou ter o meu lugar, que eu vou poder chegar e descansar, ter a minha liberdade, diferente...

ANEXO V

COMPLEMENTO DE FRASE I

Iniciais do nome: C.S.A (Nome fictício: Carlos)

Idade: 26 anos

Iniciais do filho: L.H.C.A

Idade do filho: 2 anos e 8 meses

Sexo do filho: M

Complete as frases a seguir, de modo que elas expressem seus verdadeiros sentimentos, idéias, opiniões e percepções. Procure não buscar respostas prontas e elaboradas, seja simples e sincero!

1. **Uma realização** ter tido a felicidade de ser pai.
2. **Ter filhos** uma experiência indescritível, a melhor que já tive.
3. **Meu (minha) filho (a)** meu amigo, meu pupilo, meu tudo.
4. **Minha família** estrutura necessária para dar suporte ao meu filho, base de tudo.
5. **Minha maior dúvida** não tenho, quando aparece qualquer sombra de dúvida sobre qualquer assunto, busco resolvê-los de forma rápida e eficiente.
6. **Uma alegria** meu filho. Suas brincadeiras, seus sorrisos, suas alegrias...
7. **Meu maior medo** não tenho.
8. **O sexo para mim** essencial para um bom relacionamento.
9. **Penso que a gravidez** é um momento mágico tanto para mulher quanto para o homem.
10. **Responsabilidade** busco ser o mais responsável, visando sempre suprir as necessidades de minha família.
11. **Uma dor** a perda de um ente querido, meu irmão.
12. **Minha preocupação principal** a saúde, felicidade e bem estar do meu filho e minha família.
13. **Ser pai** foi um sonho realizado.
14. **Ser mãe** momento mais feliz na vida de uma mulher.
15. **Eu queria ser** eu sempre quis ser exatamente com sou.
16. **Tomo cuidado para** não decepcionar ou magoar minha família.
17. **Minha infância** foi muito feliz, tenho somente lembranças boas de minha infância.
18. **A educação** é de suma importância para que possa se ter uma vida digna na atual conjectura social.
19. **Pra mim a violência** é um mal que não leva a lugar nenhum, apenas gera mais violência.
20. **A forma que eu era castigado** ganhava alguns tapas e era colocado de castigo ajoelhado, punições necessárias para que me tornasse quem sou hoje.
21. **O trabalho** meio pelo qual provem o sustento de minha família, por isso, é importante, mas estará sempre em segundo plano em relação a minha família.
22. **Sinto-me frustrado quando** não tenho frustrações.
23. **A maior emoção que tive** foi assistir o parto de meu filho.
24. **Preciso** ser sempre um bom exemplo para meu filho.
25. **Não posso** e nem vou colocar em risco a estabilidade de minha família por motivo algum.
26. **A felicidade** está em ver meus familiares felizes, saudáveis e vivendo sempre em harmonia.
27. **Considero que posso** tudo.
28. **Penso que os outros ...**
29. **Diariamente me esforço** para ser um pai melhor, um esposo, melhor e um filho melhor.
30. **Eu gosto muito** de estar com minha família, em casa, juntos.
31. **No passado** não tinha a metade da responsabilidade que tenho hoje, mas não mudaria nada.

32. **Com frequência reflito** de com fazer para melhorar a cada dia.
33. **Ao me deitar** para dormir, sempre penso no meu filho e preço a Deus que me ajude a criá-lo, dando-lhe saúde, humildade e muito afeto.
34. **Farei o possível para conseguir** fazer minha família cada vez mais feliz, mantendo sempre a união de todos nos.
35. **Se eu pudesse** ficaria o dia inteiro com meu filho, minha família.
36. **O lar é sagrado.** Onde sempre resolvemos nossos problemas e compartilhamos nossas alegrias.
37. **Acredito que minha melhor atitude** tenha sido fazer meu filho. Hehehe
38. **Acredito que minha pior atitude** ou falta de atitude tenha sido não ter dado mais atenção para meu irmão.
39. **Eu gosto** de muita coisa, em específico pescar com meus familiares, passar o dia com meu filho, ficar em casa e curtir um filme comendo uma pipoca.
40. **O tempo mais feliz** cada dia é mais feliz do que o outro.
41. **Meu maior compromisso** é a saúde, o bem estar e a felicidade de minha família.
42. **A vida**, uma dádiva divina, devendo ser totalmente valorizada. “o bom da vida é viver”.
43. **Meu futuro** entrego nas mãos de Deus. O futuro a Deus pertence.
44. **O casamento** é importantíssimo para a concretização de uma família feliz.
45. **Algumas vezes** meu coração dói muito, de tanta saudade de meu irmão. Mas busco forças em Deus e meus familiares para suportar.
46. **O que me irrita** a falta de cuidados das pessoas responsáveis, para com meu filho.
47. **Desejo** que minha família seja sempre feliz, saudável e unida.
48. **Secretamente eu** não tenho segredos.
49. **Com frequência sinto** a necessidade de passar mais tempo com meus familiares, principalmente com meu filho.
50. **Amo** muita gente e não odeio ninguém.
51. **Minha maior ambição** é alcançar minhas metas profissionais para que possa dar o melhor suporte possível para meu filho e aos muitos outros que virão.
52. **Cabe a mim** ser sempre um bom pai, um bom esposo, um bom filho e um bom profissional.
53. **O tempo mais feliz** foi o tempo do nascimento de meu filho. E dias melhores virão.
54. **Lamento** não ter passado mais tempo com meu irmão.
55. **Gostaria de saber** tudo sobre tudo. Hehehe
56. **Pai presente é aquele que** se envolve com o filho e o ajuda a transpor os obstáculos que a vida irá lhe proporcionar, sempre o orientando e dando apoio em suas dúvidas e decisões.
57. **Nas tarefas de casa, eu** só ajudo quando é final de semana e a assistente do lar não vem.
58. **Hoje** sou um homem feliz, mas tudo vai melhorar e serei o homem mais feliz do mundo.
59. **Eu** uma pessoa determinada e atraída por desafios, com ambições específicas e metas bem determinadas.

ANEXO VI

COMPLEMENTAMENTO DE FRASE II

Iniciais do nome: R.C.G. (Nome fictício Renato)

Idade: 33 anos

Iniciais do filho: M.J.S.G

Idade do filho: 1 anos e 6 meses

Sexo do filho: F

Complete as frases a seguir, de modo que elas expressem seus verdadeiros sentimentos, idéias, opiniões e percepções. Procure não buscar respostas prontas e elaboradas, seja simples e sincero!

1. **Uma realização** família.
2. **Ter filhos** realização pessoal.
3. **Meu (minha) filho (a)** completa meus sonhos.
4. **Minha família** é tudo.
5. **Minha maior dúvida** ser feliz.
6. **Uma alegria** ter conquistado tudo que eu quis até hoje.
7. **Meu maior medo** perder minha família.
8. **O sexo para mim** 50% de um relacionamento.
9. **Penso que a gravidez** é um momento especial.
10. **Responsabilidade** quando queremos ter.
11. **Uma dor** perdidas da minha mãe e pai.
12. **Minha preocupação principal** conseguir manter minha família.
13. **Ser pai** ser paciente.
14. **Ser mãe** amor.
15. **Eu queria ser** eu mesmo.
16. **Tomo cuidado para** não me perder.
17. **Minha infância** foi ótima.
18. **A educação** é o principal na vida para o mundo.
19. **Pra mim a violência** é medo.
20. **A forma que eu era castigado** com muita “surra”.
21. **O trabalho** dignificante e prazeroso.
22. **Sinto-me frustrado quando** só pensam em dinheiro.
23. **A maior emoção que tive** de casar-me e ter tido minha família.
24. **Preciso** de muito amor e atenção.
25. **Não posso** me sentir fraco.
26. **A felicidade** é momentânea.
27. **Considero que posso** conquistar meus objetivos.
28. **Penso que os outros** querem melhorar o mundo.
29. **Diariamente me esforço** para não engordar.
30. **Eu gosto muito** de comer.
31. **No passado** traz muitas lembranças boas.
32. **Com frequência reflito** sobre a vida.
33. **Ao me deitar** durmo.
34. **Farei o possível para conseguir** estudar.
35. **Se eu pudesse** não deixaria de dar aula.
36. **O lar** é bom.
37. **Acredito que minha melhor atitude** não sei.

38. **Acredito que minha pior atitude** foi quase ter brigado com meu pai.
39. **Eu gosto** de comer.
40. **O tempo mais feliz** é o daquele momento.
41. **Meu maior compromisso** é com Deus e minha família.
42. **A vida** é saúde.
43. **Meu futuro** é incerto.
44. **O casamento** dom de Deus.
45. **Algumas vezes** sou horrível.
46. **O que me irrita** egoísmo.
47. **Desejo** fazer muitas viagens.
48. **Secretamente eu** não sei.
49. **Com frequência sinto** muita fome.
50. **Amo** minha esposa e filha.
51. **Minha maior ambição** ter muitos amigos.
52. **Cabe a mim** fazer o melhor.
53. **O tempo mais feliz** foi o que eu vivi.
54. **Lamento** a morte de minha mãe e pai.
55. **Gostaria de saber** não sei.
56. **Pai presente é aquele que** está presente.
57. **Nas tarefas de casa, eu** ajudo.
58. **Hoje** presente.
59. **Eu** sou assim, depende do momento.

ANEXO VII

COMPLEMENTO DE FRASE III

Iniciais do nome: D.F.S (Nome fictício: Diego)

Idade: 28 anos

Iniciais do filho: G.D.F.F.S

Idade do filho: 2 meses

Sexo do filho: F

Complete as frases a seguir, de modo que elas expressem seus verdadeiros sentimentos, idéias, opiniões e percepções. Procure não buscar respostas prontas e elaboradas, seja simples e sincero!

1. **Uma realização** ser pai.
2. **Ter filhos** uma realização.
3. **Meu (minha) filho (a)** tudo.
4. **Minha família** meu alicerce.
5. **Minha maior dúvida** o futuro.
6. **Uma alegria** viver.
7. **Meu maior medo** violência.
8. **O sexo para mim** desvalorizado.
9. **Penso que a gravidez** é um presente de Deus.
10. **Responsabilidade** um dom.
11. **Uma dor** não ter tido uma melhor relação com meu pai.
12. **Minha preocupação principal** criar minha filha.
13. **Ser pai** uma satisfação.
14. **Ser mãe** um dom.
15. **Eu queria ser** eu mesmo.
16. **Tomo cuidado para** não cair na rotina.
17. **Minha infância** foi boa.
18. **A educação** é fonte.
19. **Pra mim a violência** assusta.
20. **A forma que eu era castigado** cruel.
21. **O trabalho** necessidade.
22. **Sinto-me frustrado quando** não atinjo um objetivo.
23. **A maior emoção que tive** ter tido uma filha.
24. **Preciso** me estabilizar.
25. **Não posso** parar de trabalhar.
26. **A felicidade** família.
27. **Considero que posso** atingir todos os meus objetivos.
28. **Penso que os outros** deveriam pensar mais nos outros.
29. **Diariamente me esforço** para ser cada vez melhor.
30. **Eu gosto muito** de fazer as pessoas se sentirem bem.
31. **No passado** poderia ter sido melhor.
32. **Com frequência reflito** nas minhas atitudes.
33. **Ao me deitar** me preocupo com o amanhã.
34. **Farei o possível para conseguir** uma estabilidade.
35. **Se eu pudesse** viajaria o mundo.
36. **O lar** meu espaço.
37. **Acredito que minha melhor atitude** fará a diferença.
38. **Acredito que minha pior atitude** também fará a diferença.

39. **Eu gosto** de viver.
40. **O tempo mais feliz** adolescência.
41. **Meu maior compromisso** com minha filha.
42. **A vida** um presente de Deus.
43. **Meu futuro** incerto.
44. **O casamento** um sonho.
45. **Algumas vezes** fico triste.
46. **O que me irrita** falsidade.
47. **Desejo** ser feliz.
48. **Secretamente eu** choro.
49. **Com frequência sinto** saudades.
50. **Amo** estar perto de quem amo.
51. **Minha maior ambição** ser um profissional reconhecido.
52. **Cabe a mim** ser cada dia melhor.
53. **O tempo mais feliz** quando eu faço alguém feliz.
54. **Lamento** não ter estudado mais.
55. **Gostaria de saber** expor meus sentimentos.
56. **Pai presente é aquele que** sempre está por perto, dando amor e atenção.
57. **Nas tarefas de casa, eu** realizo o que precisar.
58. **Hoje** estou cansado.
59. **Eu** sou feliz.